

Cepeditios moluptat  
int fugia quistibus  
maximen  
moluptat int fugia  
quistibus maximen

Leminski vive

## EDITORIAL

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) vive um momento de transformação. Nesta nova fase, a instituição deseja um diálogo permanente com seus usuários e transformar-se num importante e moderno pólo de cultura. Os primeiros passos já foram dados, com a criação da “Oficina BPP de Criação Literária” e a recuperação do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. Além disso, neste início de ano cerca de 7 mil novos livros foram incorporados ao acervo.

Com esta primeira edição do **Cândido**, a BPP abre mais um canal de diálogo com seus frequentadores e reforça o seu papel no processo de formação de novos leitores. Seguindo a tradição dos míticos periódicos paranaenses de nome próprio, **Cândido** se junta à dupla *Joaquim e Nicolau* — o primeiro editado nos anos 1940 por Dalton Trevisan, e o segundo comandado nos anos 1990 por Wilson Bueno. Nosso objetivo é que **Cândido**, assim como seus antecessores, deixe sua marca na cultura paranaense e brasileira. O nome também é uma homenagem à própria instituição, localizada no coração de Curitiba (na Rua Cândido Lopes, 133), e a seu atual prédio, construído em 1954 e tombado pelo patrimônio cultural. E, não por acaso, Cândido Lopes foi o fundador, em 1854, do primeiro periódico do Paraná, o jornal *Dezenove de Novembro*.

Dedicado à literatura e à leitura, **Cândido** publicará reportagens sobre ações de leitura, mercado editorial, perfis, entrevistas com escritores, tirinhas, ilustrações, caricaturas e inéditos — contos, poemas, crônicas e trechos de romance. Com isso, pretende oferecer ao leitor um panorama rico e abrangente da literatura contemporânea. Em primeiro plano, também estarão os projetos da BPP, como o bate-papo “Um escritor na Biblioteca”, que será transcrito nas páginas do jornal e, no final do ano, ganhará registro em livro, reunindo todos os autores entrevistados. Assim como a valorização da literatura paranaense.

E, por uma feliz coincidência, o jornal estreia no mês de nascimento do poeta Paulo Leminski, a quem dedicamos a capa desta primeira edição, um ensaio sobre sua obra e textos que discutem o seu legado como poeta e intelectual. Então, sob a égide do bardo do Pilarzinho, **Cândido** inicia sua caminhada.

*Boa leitura a todos.*

## CARTUM

NILSON SAMPAIO



## TIRA

DIOGO SALLES



## EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Carlos Alberto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Diretor da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross.

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior.  
Redação: Guilherme Sobota, Monique Cellarius, Yasmin Taketani e Fernanda Rodrigues. Fotografia: Kraw Penas. Colaboradores desta edição: Amílcar Bettega, André Ducci, Alessandra Moretti, Carolina Vigna-Marí, Diogo Salles, Felipe Caneli, Nilson Sampaio, Paulo Venturelli, Pedro Franz, Rogério Coelho, Rafael Sica, Ricardo Silvestrin, Rodrigo Garcia Lopes e Toninho Vaz.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

## BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba -PR • Horário de funcionamento: segunda à sexta 8h30 às 20h • Sábados 8h30 à 13h

## CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do **Cândido**, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
- As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressão a opinião do jornal.

## BIBLIOTECA AFETIVA

Afortunadamente, eu poderia mencionar centenas de obras importantes na minha formação como leitor e escritor. Para citar apenas um livro, eu escolheria *São Bernardo*, do Graciliano Ramos. Virei um fã incondicional do Graciliano desde que li o conto "Minsk", na época do antigo ginásio. Mas logo que conheci o grande amor desencontrado de Paulo Honório por Madalena, formulado numa linguagem muito concisa, quase puro osso, me convenci de que *São Bernardo* era o grande livro desse grande escritor. Tanto que já reli diversas vezes, sempre com ares de descoberta. É um clássico. E um clássico, como definiu Ítalo Calvino, é aquele livro que, ao ler pela primeira vez, pensamos já conhecer e, ao relê-lo, parece que estamos lendo pela primeira vez.

**Marçal Aquino** é jornalista, roteirista e escritor. Entre suas principais obras estão *O Invasor* (2002), *O Amor e Outros Objetos Pontuados* (1999) e os roteiros de *Os Matadores* e da série de TV *Força Tarefa*. Vive em São Paulo (SP).



Renato Parada

Um livro é como um amigo que chega sem avisar e ilumina teu dia. Quando eu tinha sete anos, ganhei de meu pai *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. A história de Edmond Dantès, repleta de aventura, romance, traição e vingança, marcou minha vida. Guardo até hoje a sensação de encantamento que tive ao ler o livro pela primeira vez.

**Marden Machado** mora em Curitiba (PR) e é jornalista desde 1983. Foi colaborador dos jornais *O Estado do Paraná*, *Folha de Londrina* e *Gazeta do Povo*. Também é comentarista de cinema, música e cultura pop em rádios e Tvs de Curitiba. Mantém o blog [cinemarden.blogspot.com](http://cinemarden.blogspot.com).



Ale Carnieri

Uma das coisas mais interessantes dentro do *rock*, é que ele te proporciona contato com outras formas de arte, tais como literatura e cinema. E tudo isso serve de inspiração para compor. Considero *O apanhador no campo de centeio*, de J.D. Salinger, a minha primeira leitura influenciada pelo *rock*. Não lembro se pela fama macabra do livro, já que o assassino de John Lennon (Mark Chapman) o leu, ou simplesmente por se tratar de um clássico da literatura que, talvez, seja o primeiro livro a dar a devida importância ao universo adolescente, pois quem conta a história é o garoto Holden Caulfield. Eu tinha 13 ou 14 anos quando li *O apanhador*, e até hoje não me esqueço do clima criado por aquela leitura.

**Leandro Filus** é guitarrista e compositor da banda Charme Chulo. Vive em Curitiba (PR)



Divulgação

*Uma História Social da Mídia : de Gutenberg à Internet*, de Asa Briggs e Peter Burke, é um maravilhoso passeio pelos meios de comunicação e suas consequências sociais e culturais – pelo mundo –, no passado e no presente”.

**Ângelo Laertes Pelanda** é economista e Chefe da Divisão de Ciências Sociais e Jurídicas da Biblioteca Pública do Paraná, onde é funcionário desde 1985. Mora em Fazenda Rio Grande (PR).

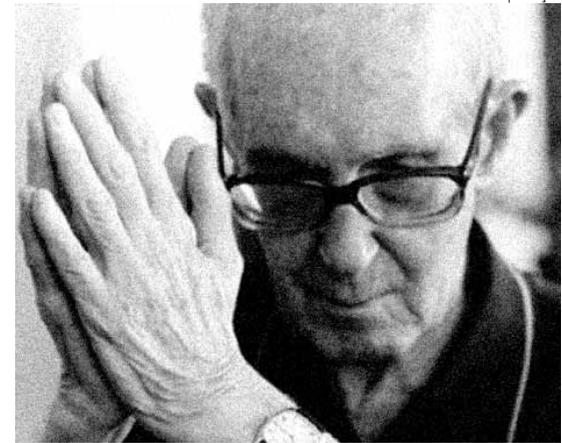


Kraw Penas

## CURTAS DA BPP

## Ano de Drummond

O poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) será o homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty de 2012. O anúncio foi feito pelos organizadores da Flip no último dia do evento, que aconteceu de 6 a 10 de julho. Também para o ano que vem, que marca 25 anos da morte do poeta, está previsto o relançamento da obra de Drummond pela Companhia das Letras. Em março deste ano, a editora anunciou a compra dos direitos autorais e a intenção de publicar a obra com novo projeto gráfico e em e-book.



Reprodução

## Granta especial: Brasileiros

A revista inglesa *Granta* vai lançar, em julho do ano que vem, uma edição inteira só com jovens autores brasileiros. Editada no Brasil pelo selo Alfaguara, da editora Objetiva, a revista está selecionando, até o dia 30 de setembro de 2011, textos de escritores de até 40 anos que já tenham publicado ficção – ou estejam em via de publicação, com contrato assinado com alguma editora. Os textos serão analisados por uma comissão, e os selecionados devem compor a edição especial revista, cujo objetivo é apontar escritores promissores. *Granta* foi criada em 1889, na Inglaterra. A série “Os Melhores Jovens Autores” foi iniciada em 1983, quando uma edição inteira revelou quem eram os novos nomes da ficção britânica. Mais informações: [www.grantaemporugues.com.br](http://www.grantaemporugues.com.br)

## Um Escritor na Biblioteca

No dia 14 de agosto, a TV E-Paraná exibe o bate-papo com a escritora Elvira Vigna (foto), gravado na BPP. O programa é o segundo da série “Um Escritor na Biblioteca”, que exibe os encontros mensais com escritores realizados na Biblioteca Pública do Paraná. A série, que teve Cristovão Tezza em sua estreia, é exibida sempre no segundo domingo de cada mês, às 11h15.



Kraw Penas

## Literatura tipo exportação

Nos próximos dez anos, a Fundação Biblioteca Nacional, em parceria com o Ministério da Cultura (MinC), irá disponibilizar R\$12 milhões a editoras estrangeiras que desejem traduzir, reeditar, publicar e distribuir, no exterior, livros impressos e digitalizados de autores e editoras brasileiras. O edital Programa de Bolsas de Tradução e Publicação de Reedições, que busca a divulgação de obras brasileiras no mercado internacional, pode ser lido em [www.bn.br](http://www.bn.br)



## UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Kraw Penas



# Elvira Vigna

Escritora carioca abre a série de entrevistas que **Cândido** começa a publicar com os autores que participam do evento “Um escritor na Biblioteca”

**N**a metade dos anos 1980, o projeto “Um Escritor na Biblioteca” trouxe à Biblioteca Pública do Paraná grandes autores como Luis Fernando Verissimo, Helena Kolody, Fernando Sabino e Nélide Piñon. Quase duas décadas depois, a BPP retoma a interlocução com as principais vozes literárias do país, em encontros mensais com o público.

A partir desta edição, **Cândido** passa a publicar um resumo dos encontros, que já contaram com a participação de Cristovão Tezza, Elvira Vigna, Ana Paula Maia e Luiz Ruffato. No final do ano, as conversas serão publicadas em livro pela BPP.

Tradutora e artista plástica, Vigna acaba de ganhar o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, na categoria ficção, com o romance *Nada a Dizer*.

Autora de sete romances, Vigna tem contos publicados em diversas coletâneas, revistas e jornais especializados. Formada em literatura pela Universidade de Nancy, na França, e mestre em comunicação pela UFRJ, a autora também teve experiências no jornalismo, como repórter da *Folha de S. Paulo* e d'*O Globo*.

Durante o encontro, a autora falou sobre sua relação com as bibliotecas e a importância desses espaços na sua formação como leitora e escritora. “A leitura não é exatamente um lazer, embora também o seja, mas uma possibilidade de atrito, de fricção”.

Vigna também teceu comentários interessantes sobre o hábito de leitura em bibliotecas. Para ela, é preciso que o leitor “saia da zona de conforto de sua casa”, para que tenha o enfrentamento com “o novo”.

“Morei um tempo nos Estados Unidos e lá eu frequentava uma biblioteca pública, em Nova York, que se tornou a extensão da minha casa. Eu me mudei para São Paulo em outubro de 2007, em novembro, fiz minha inscrição na biblioteca da Vergueiro, que era um lugar que eu ia pra ficar. Sentava na cadeirinha dura, onde não podia falar alto, e lia, porque aquela leitura me obrigava a uma relação com o novo, que dentro da minha casa eu não tinha, pois estava protegida”.

Confira a seguir os melhores momentos do papo, mediado pela jornalista Mariana Sanchez.

### Formação como leitora

O escritor – e o artista em geral – é um inadaptado, um esquisito. Essa inaptabilidade leva alguns de nós à leitura. Vejo isso com tranquilidade, é como se cada um de nós representasse individualmente um processo muito amplo: o processo da própria formação da escrita e da ficcionalização como uma estratégia de sobrevivência, de cultura humana. Essa falta, aquilo que não dá certo, é o que nos leva a escrever, a ser inteligente, procurar o que não temos.

Eu fui muito tímida, comecei a ler muito menina. Tenho uma irmã mais velha, que ganhou uma bicicleta no natal. Era um presente enorme. Meus pais, então, tentaram fazer uma correspondência para mim, mas escolhi em livro. Devia ter uns oito ou nove anos. Não existia convívio com livros na minha família. Para mim, era a minha esquisitice mesmo que me levava para dentro dos livros. Lá em casa existia uma biblioteca, com títulos encadernados, dicionários, tinha uma coleção juvenil muito na moda, mas só para expor mesmo, não era um ambiente muito ligado à leitura, não.

### Bibliotecas

Quem teve um papel importante foi a Aliança Francesa. Aí entra a parte da biblioteca, que para mim é uma coisa muito marcante. Em geral, quando se fala em biblioteca, as pessoas pensam dentro de um escopo capitalista, de que biblioteca é bom porque tem livro barato, ou de graça, aí você não precisa comprar. Não é bem isso pra mim. Claro que isso é importante, democratizar a leitura, evidente, mas esse não é o principal ponto. Entra um pouco na questão do espaço público e privado. Aí eu teria que falar um pouco sobre o que eu acho que é a leitura. Para mim, leitura é uma exposição, uma maneira de sair de uma zona de conforto. A leitura não é exatamente um lazer, embora também o

seja, mas é uma possibilidade de atrito, de fricção. Quando se lê num ambiente controlado, em que se domina desde a temperatura do ambiente até os gestos, em que se está completamente à vontade e nada atrapalha, há uma determinada posição frente à leitura. Uma posição de se reassegurar das certezas interiores.

A arte, e a literatura, são justamente o contrário disso. A função da leitura é uma função que está se perdendo. Uma vez que se evita o espaço público, colocando o fone de ouvido para não ouvir o barulho, só andando de carro e não a pé, está se perdendo a possibilidade de atrito, de desconforto. E isso é essencial.

### Espaço público de leitura

A biblioteca da Aliança Francesa sempre foi muito nuclear na minha vida, porque foi uma possibilidade de leitura fora de uma zona controlada. Tem que conter certos gestos, não pode falar alto. Aquilo te faz ler de uma maneira mais aberta. Há uma predisposição a abdicar de uma segurança em prol de uma mudança. Isso é uma coisa completamente fora de moda. Dispor-se a mudar, a se transformar, a ser um nômade, a caminhar. Eu falo isso e as pessoas acham que eu estou falando uma língua estrangeira. No entanto, para mim, biblioteca é isso, é um espaço público de leitura.

Morei um tempo nos Estados Unidos e lá eu frequentava uma biblioteca pública, em Nova York, que se tornou a extensão da minha casa. Eu me mudei para São Paulo em outubro de 2007, em novembro, fiz minha inscrição na biblioteca da Vergueiro, que era um lugar que eu ia pra ficar. Sentava na cadeirinha dura, onde não podia falar alto, e lia, porque aquela leitura me obrigava a uma relação com o novo, que dentro da minha casa eu não tinha, pois estava protegida. Então, conscientemente, abro mão de uma proteção para poder experimentar o novo.

# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Kraw Penas

A biblioteca, para mim, é isso: um espaço duplamente público. Quer dizer, o livro já é um espaço público, na medida em que se procura nele o diferente. Se isso é feito dentro de um espaço também não controlado, a leitura é muito melhor do que seria no sofá de sua casa. O Antônio Cícero costuma dizer, e eu acho fantástico: “pensar é dizer não”. Isso resume muito bem: você diz não para você mesmo.

## Preocupação com a leitura

A arte contemporânea saiu do seu ambiente tradicional. A literatura também saiu, só que as pessoas não admitem isso cabalmente. Então, se pegar a comunicação que existe hoje na internet, pode-se dizer que se trata de uma comunicação com preocupação estética, porque se escreve mal no blog, no post. Mas ninguém te lê. Então, não é aquele negócio assim: “eu escrevi um livro sensacional, que ninguém vai entender, só as gerações futuras.” Não. Internet é assim: uma escrita estética e ficcionalizante. Para começar, a pessoa, com o avatar criado por ela mesma para escrever, já é ficcionalizante em si. Estamos definindo literatura. Então, teríamos que assumir que se trata de uma forma literária. Que saiu do nicho literário tradicional, da mesma forma que a arte contemporânea saiu do seu nicho tradicional ao fazer instalações, performances, objetos que derretem, enfim, é o mesmo processo. Muito interessante.

## Ficção e Realidade

Na minha literatura, tudo é real. Eu não invento uma vírgula. Tenho um livro, que não está publicado ainda, que se passa no Guarujá. Eu não invento um Guarujá, eu vou para o Guarujá, eu passo lá um mês trancada naquele lugar. Eu repito nome de rua, a quantidade de mosquito, as pessoas que moram lá, não invento nada.

Eu consigo falar do mesmo fe-

“ Leitura é uma exposição, uma maneira de sair de uma zona de conforto. É uma possibilidade de atrito, de fricção.”



“ Pegar o vivido, o real, e passar para os meus livros, é uma obsessão total.”

nômeno na arte visual, que é mais claro. É a quebra da representação. Esse movimento de saída da arte do seu campo específico, invadindo e se misturando com outros campos, tem a ver com a quebra da representação. A representação é uma camisa-de-força que vem de muito tempo, e que as pessoas passaram a considerar como sendo assim, porque era assim, mas na verdade não foi sempre assim. Se pegarmos algumas manifestações artísticas da história da humanidade, vamos ver que não foi sempre assim. É uma tradição europeia que veio até nós. Hoje, há uma quebra da representação.

## Estruturas

É bem complexo. Inclusive eu me orgulho das estruturas que uso, é um prazer particular meu. No romance *A um passo*, por exemplo, um personagem conta a história do outro. Então eu narro sobre a dificuldade de narrar. Em *O Assassinato de Bebê Martê*, há um crime e uma atuação mimética desse crime. Já em *As seis em ponto* e *Nada a Dizer*, os narradores tentam contar uma história, mas não conseguem. *Nada a Dizer* é um livro que não acaba. A narradora não consegue, desiste de contar. Isso, de pegar o vivido, o real, e passar para os meus livros, é uma obsessão total.

## Filtro da individualidade

Para mim, a maior dificuldade é achar a exata distância emocional do que quero contar. Em *Nada a dizer*, por exemplo, eu tive muita dificuldade em achar essa exata distância. Tive uma dificuldade técnica enorme, pois tinha que contar uma história de adultério, desmascarando qualquer possibilidade de que a história fosse considerada uma história bonita ou romântica. E minha dificuldade foi em escolher o narrador. Eu tinha três opções: o marido, que não me servia em termos de proximidade emocional, a amante e a mulher.

Um personagem que não pensa,

que não tem angústia, não é um personagem bom pra mim, para ser narrador. E o homem da história era assim. Aí soavam as duas mulheres. Para eu saber o que tinha acontecido no motel, eu tinha que ser a amante. Só que a amante era uma personagem que não aceitava a transformação, o desconforto, a mudança. Ela não perde nunca, não muda. Fica isolada, não está arriscando nada. Essa atitude é muito distante de mim. Então só sobrava a figura da mulher traída, com uma dificuldade enorme: como é que a mulher traída, que não estava no motel, ia saber o que aconteceu lá? Eu tive que dar uma solução.

Ficou até bom, porque a relação desta mulher com o cara ficou muito rica, porque os dois se estabacaram juntos, perderam a voz. O “nada a dizer” é dela e dele.

### Prosa de fôlego

Prefiro romances. Não sei dizer por quê. Isso é bem amplo. Na verdade, eu tenho relacionamentos longos. Então eu acho que as histórias compridas me atraem. Tem a ver – o que é um pensamento não testado – com um processo de significação. Porque o tempo, o tempo curto, que é um tempo específico da imagem, do impacto da imagem, é um tempo que não me satisfaz, até em termos de pensamento. E o tempo narrativo, muito mais longo e sequencial, me dá um processo de formação de significação que para mim é mais satisfatório. É como eu penso. Eu não penso em impactos. Eu faço uma linha.

### Histórias com enredo

Não é que eu não gosto, é que a gente é fruto de um momento histórico e não sai disso. No momento em que a gente vive, existe a produção não individualizada de enredos. Então, existe uma indústria de cinema e editoras especializadas que detectam os nichos. Aí, tem todo o departamento de pesquisa, de

marketing, publicitários que viraram escritores às pampas e que trazem para o campo literário a ideia de que é preciso viver um produto. Existe uma construção que passa pelo enredo. Então, quando eu digo que não gosto de enredo, na verdade o que estou querendo dizer é que quero recuperar uma temporalidade, e é isso que eu faço nos meus livros. Algo que não é condizente com a tensão de um livro de aventura. Eu quebro esta temporalidade, em geral com uma estrutura dupla, algo acontece e as coisas andam, vão e voltam.

### V.S. Naipaul

Ao falar em masculino e feminino, usa-se um conceito necessariamente datado, porque está se falando de um histórico. O homem detinha o poder e hoje está sendo contestado. Com isso, está precisando se reafirmar ou defender uma posição [Elvira comenta as declarações do escritor V.S Naipaul, que afirmou que a literatura produzida por mulheres não pode chegar “aos seus pés”]. E a posição de defesa do poder não é uma situação boa para a arte. A arte é boa para se modificar, para se abrir ao atrito, ao desconforto, ao novo. Uma pessoa que está numa posição social de ter que defender algo, faz parte de um grupo que não vai criar arte. Pelo contrário, a criação é vista como um risco, um perigo, e esse grupo que defende sua situação, defende na verdade o passado. Então, essas pessoas não criam. Mas, qualquer grupo, país, estrato social, que consiga se ver nesta posição de defender algo que está sendo impelido a uma mudança, pode falar disso e fazer um excelente livro. Só que ninguém fala.

### Visão masculina da literatura

Homem nenhum chega para você e diz: “minha vida hoje está muito monótona, está ruim, eu não tenho mais adrenalina nenhuma, nada de interessante acontece, tenho uma situa-



# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ção banal, estou sendo massacrado por um trabalho que odeio, por uma relação em que não estou inteiro”. Ele não consegue falar disso. A noção dele de poder, ou de masculinidade, faz com que ele queira se ver, e se vender num livro, como alguém que viveu algo único, interessante, aventureiro, em que ele se tornou herói, mesmo que com o sinal trocado. Porque, mesmo com o herói da marginalidade, que vomita na Avenida São João, por exemplo, ainda é um herói. Ainda é o “ó do bobó”.

Um cara, qualquer um que esteja defendendo uma posição, não vai dizer que é banal, comum, frágil, de jeito nenhum. Se ele disser, dá um bom livro. Mas ele não consegue. Então, ele vai para o passado, inventa situações fantásticas, de rito de passagem, do menino para o rapaz, coisas incríveis que aconteceram. Ou então ele vai lá pra longe, Romênia, Cairo, coisas incríveis acontecendo no Cairo, e tal. Alô! A tua vida hoje, como é que tá? Fala. É uma troca de experiências. É o tal do lugar público. Quero saber de você. Assumir que hoje não existe “Hemingway”, que não tem uma história fantástica para contar.

A não ser que se entre no espetáculo, mas se existir o mínimo de posição política e social de não querer se dar ao espetáculo, de querer fazer uma narrativa individualizada, o que te resta é assumir uma posição de mudança, de fragilidade. Isso, nos escritores atualmente, é muito raro encontrar. Em geral, é a procura da grande aventura, que não está acontecendo. Fala, fala que a tua vida é uma merda. Mas não falam.

## Literatura infanto-juvenil

Uma vez, a Ione Milone Nassar, editora da Mercúrio Jovem, me perguntou como é que eu escrevia literatura para criança, e eu disse: “com raiva”. Ela ficou chocadíssima. Mas é um pouco isso. Tem um movimento de se sobrepor a uma falha. Essa noção de algo



A escritora conversa com a jornalista Mariana Sanchez.

“ Uma pessoa que está numa posição social de ter que defender algo, faz parte de um grupo que não vai criar arte.”

“ Uma vez, uma editora me perguntou como é que eu escrevia literatura para criança, e eu disse: ‘com raiva’”

que escapa à linguagem, escapa à literatura, e, teimosamente, continua se escrevendo para tentar falar do que não pode ser falado. Fiz o primeiro *Asdrúbal* [Elvira escreveu, na década de 1970, uma série de livros infantis com base em um personagem chamado Asdrúbal, o Terrível], um pouco por influência da minha filha, que tinha acabado de nascer. Ocorreu-me falar com ela de uma maneira literária, então assim nasceu meu primeiro livro.

Escrever para adulto naquela época era muito complicado, porque tinha um problema de censura brabésimo. Então, escrevi o “Asdrúbal” [personagem], que é um monstro fascista, que não presta. Como era para criança, não tinha censura prévia. Saiu em 1971. E passei a década de 1970 inteira escrevendo, uns oito ou nove livros, se não

me engano. Depois disso, parei. Achei que não ia escrever mais livros.

## Jornalismo e editora

Eu trabalhava na AirFrance, viajava muito, e no final do meu primeiro relacionamento, mudei porque queria escrever. Passei a ser jornalista e arranjei três trabalhos: pela manhã, fazia releases e era tradutora do consulado do Marrocos, no Rio de Janeiro; à tarde trabalhava na *Fair Play* [revista masculina que circulou no final da década de 1960 e início dos anos 1970] e à noite no *Correio da Manhã*. Meu chefe na *Fair Play* era o Eduardo Prado, com quem eu acabei tendo meu segundo relacionamento. O Eduardo tinha feito aquele filme *Edu coração de ouro*, com o Domingos [Oliveira], e a gente não tinha um tostão, fomos morar num apartamento em

construção porque não podíamos pagar mais aluguel. De repente, nós dois fomos demitidos da *Fair Play*. Aí, a gente tinha dois caminhos: se suicidar ou tentar arranjar outro trabalho, o que era muito difícil, por causa da Ditadura. Tinha muito jornalista desempregado, era uma coisa incomensurável. Nossa saída era tentar ser mais loucos do que já éramos: fizemos uma editora. Ou melhor, duas editoras. Uma para editar livros e outra para editar revistas.

Fui para os EUA, voltei para o jornalismo, fiz a correspondência para a *Fórmula de S. Paulo* em Nova York, no caderno de “Informática”. Nos Estados Unidos, fiquei com muita saudade do Brasil. Vi o Brasil de uma maneira que eu não tinha visto aqui. Então, eu precisei ir lá pra longe para ver o Brasil. Escrevi meu primeiro livro para adultos, *Sete anos e um dia*. Procurei então a editora que tinha distribuído os livros da minha própria editora, que era a José Olympio, e eles publicaram o romance. A partir daí, tornei a escrever ficção de adulto.

### Revista *A Pomba*

A revista *A Pomba* foi um escracho. A gente tinha uma fina faixa para existir naquela época. Eu e o Edu tínhamos sido despedidos da *Fair Play*, que já era um escracho da *Playboy*. Aí, achamos que teria que fazer um escracho maior ainda, então resolvemos fazer *A Pomba*. Ela tinha nus, contos, discussões sobre Freud, política, etc. Os modelos eram quase todos negros, que na época não eram considerados de qualidade, não tinham espaço nenhum. Era um espaço em que era possível ousar. Eu tinha 20 anos. Era o que eu fazia aos 20 anos. Se aos 20 anos você não ri, não ousa, meu Deus do céu! Então a gente ria, a gente caçoava de tudo.

### Escritores contemporâneos

Eu compro contemporâneos, desconhecidos. Estou lendo uma escri-

tora de origem africana, que escreve em francês e ganhou o Goncourt em 2009 [Marie Ndiaye, autora de *Trois Femmes Puissantes*]. Ela fala sobre as mulheres africanas divididas entre as duas culturas – francesa e africana. É um livro difícil, a mulher é muito massacrada, muito vítima, o que é uma coisa difícil para mim, porque me mobiliza muito. Mas, em geral, leio brasileiros novos. É o que eu compro, é o que eu busco. Falam do fulaninho, eu vou catar.

E encontro pessoas muito boas. E é ruim dizer isso, porque elas são muito pouco conhecidas fora de São Paulo. Nem vou falar mais do Rio, porque o Rio morreu, agora é só São Paulo. Tem um escritor, por exemplo, que eu não conheço pessoalmente, que é o Fernando Monteiro. Acho que ele é pernambucano, faz cinema também. Esse cara tem uma experiência de narração incrivelmente boa. É um cara de quem não vejo comentários. Por outro lado, àqueles que estão a toda hora na mídia, não gosto. Não vou citar nomes porque seria muito deselegante da minha parte, mas eu leio e fico espantada. É um dos momentos em que me sinto pouco adaptada ao campo literário, no sentido de Bordieu. Muito perplexa. E tem gente que passa uma dificuldade, não sei quanto tempo para conseguir editar um livro, gente boa, gente nova, desconhecida.

### Livro digital

Não tem catástrofe nenhuma, qualé? Não tem problema nenhum. Acho que as plataformas estão um pouco cruas ainda. Eu não tenho ainda [leitores digitais], não. Mas, ainda há uma mesquinha da indústria que vai ter que ser resolvida. A leitura muda, o hábito de ler muda. Não acho isso grave.

### Arte visual e literatura

Levo muito a sério o negócio de ilustrar livros. Eu me dou uma liberdade que defendo bravamente. Se o editor

ou autor não me dão essa liberdade, não ilustro. E também não ilustro livro que não gosto. Tenho um discurso preparado, para evitar ser considerada arrogante ou prepotente em relação ao editor, mas, na verdade, se eu não tiver uma empatia com o texto, não faço. Eu tenho a técnica, consigo fazer qualquer desenho, de qualquer técnica, porque estudei isso minha vida inteira. O meu texto eu não gosto de ilustrar. Já ilustrei por necessidade editorial, de apresentar livro pronto ao editor, de impedir que o editor enfeitasse o livro – o Borges fala isso, que o livro não é bombom, não precisa ser embrulhado em papel brilhante. Eu concordo, não gosto de enfeitar livro. A ilustração é outra linguagem, ela ocupa outro espaço, que deve ser preenchido nobremente. Ela não deve repetir, de jeito nenhum, o que está sendo dito no texto.

Se é para criança, isso é inclusive criminoso, porque se leva muito menos tempo para ver do que para ler. Então, um livro é ilustrado repetindo na imagem o que está sendo dito no texto. Ele está afastando a criança do texto. Faço pouco, justamente por isso: sou considerada chatíssima, com toda a razão, sou sim. E sigo essa linha. Um dos presentes que eu me dou na vida é esse: fazer apenas ilustrações que quero.

Já com as traduções, faço o contrário. Escolho o livro mais vagabundo que puder arranjar, que é o que vai me dar mais liberdade de brincar com o texto. Se for para entrar na cabeça de um escritor, que eu respeite, para poder fazer o impossível, que é transformá-lo em brasileiro de 2011, prefiro não fazer. Aí eu pego livros bem vagabundos, porque me divirto, brinco. ■



Elvira Vigna por Carolina Vigna-Mari

Próximo escritor convidado:  
**LUIZ RUFFATO**



INÉDITO

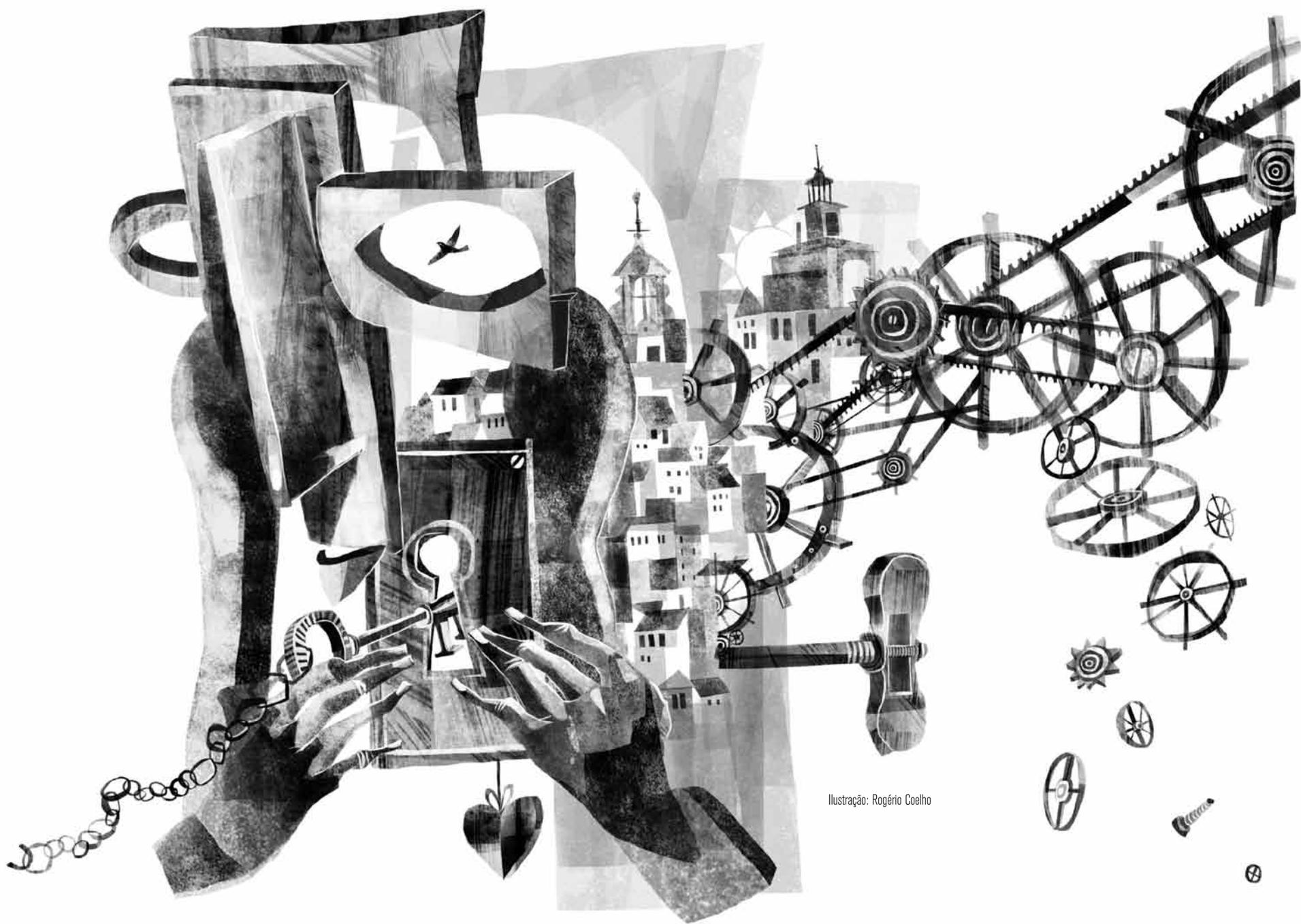


Ilustração: Rogério Coelho

# SEVILHA

Por **Amilcar** Bettega

**E**ra certo que alguma coisa ali se passava, alguma coisa de grande e decisiva, mas da qual ainda lhe escapava a verdadeira dimensão. Talvez nem mesmo conseguisse elaborar em seu pensamento o que se passava, ou que acabava de se passar, talvez apenas intuisse, mas era uma intuição clara e precisa.

Uma dessas coisas que acontecem assim, de repente, quando tudo se precipita e depois se estagna: você chegou ao fim, você sabe que é o fim, que desceu tudo o que tinha para descer e você não vê onde mais pode ir, então tudo o que tem a fazer é esperar, e você espera, sem saber exatamente o quê, mas você espera. Porque sabe que é o fim.

Aí pode ser algo banal. Que num outro contexto não teria importância nenhuma. Por exemplo, essa mudança no tempo: foi de repente, depois de tantos dias de chuva e céu encoberto, sem fazer frio porque não era ainda época de frio, mas sempre a chuva e o céu carregado de nuvens. E era aquilo de pisar nas poças, portar guarda-chuva, cobrir-se com impermeáveis, entrar nos cafés para esperar a chuva arrefecer, sair outra vez sob o céu escuro e as nuvens baixas, que deixavam o clima abafado — porque ainda não era época de frio e chovia, mas continuava abafado sob o céu carregado de nuvens.

O banal foi isso: mudou o tempo, e de um momento para o outro o sol era intenso e generoso na Andaluzia. De repente era Sevilha de manhã cedo, sob as franjas do sono, Sevilha que veio sem muito aviso depois de uma noite de viagem, depois de tantos dias de chuva e céu carregado. Sevilha como um jorro de luz. De repente, o dia amanheceu em Sevilha.

Até então ele não tinha se perguntado o porquê de Sevilha. Nem depois, não pensou muito: estava em Sevilha, era sábado de manhã e o sol era

farto. Havia uma paz nova, difícil de precisar, não exatamente um alívio, pois já não havia muito o que aliviar, sentia-se completamente vazio, só isso, vazio numa cidade que o recebia para alguns dias de anônimo turismo e nada mais. Depois seria a continuação, porque chega o momento em que é preciso continuar: você sente que chegou ao fim, você sabe que é o fim, que ainda pode prorrogá-lo um pouco numa espécie de repouso após o fim, recuperar as forças, fazer qualquer resumo, mas sempre vem o momento em que é preciso continuar.

Então podia ser ainda aquele período de prorrogação, de alongamento da situação, de balanço das coisas, e nesses casos o melhor a fazer é procurar um hotel não muito caro, soltar o peso da mochila e deixar-se andar pelas ruas, vazio e sem objetivo pelas ruas ensolaradas de uma cidade que lhe surgiu assim na ponta da noite e livre de toda a poesia, livre da literatura e das imagens feitas, apenas cidade amanhecida, fresca e ensolarada, depois da chuva. Então é tentar apreender qualquer coisa na memória para, ao menos, guardar um pedaço dela, e anos mais tarde puxar por essa memória, as referências, e ver que não há nada além das obviedades que não valem o esforço de resgatá-las: Sevilha é branca, só.

Então vamos, e ele se deixa andar, vazio e ensolarado, esbarrando em azulejos, rostos morenos, ruas de pedra, pátios da Andaluzia.

O hotel tinha um pátio, era um velho edifício andaluz com um pátio no centro, para onde davam os quartos. E o sol é ocre em Sevilha, as gentes são novas, as mulheres bonitas, então... Então o quê? Comprar um cartão-postal, comer uma tortilla, sentar num degrau de pedra e observar.

De repente teve sede, bebeu uma cerveja e viu que aquilo era bom. O dia foi escoando lentamente, quase sem vontade, e ele continuou bebendo, va-

zio e com sede, e ao cair da tarde bebeu mais, e ainda bebeu no jantar e depois do jantar, na rua, em meio a um mar de jovens vestidos de preto que lotavam as ruas de Sevilha no sábado à noite e bebiam furiosamente.

Não lembrava como nem a que horas voltou para o hotel, sabia apenas que tinha acordado o porteiro que armava sua cama encostada ao portão de entrada, de forma a controlar a chegada dos retardatários. Lembrava que tinha dito “buenos sueños” ao porteiro, que não respondeu.

 **Amilcar Bettega** é escritor e tradutor, autor dos livros *Os lados do círculo* (Companhia das Letras, 2004) e *Deixe o quarto como está* (Companhia das Letras, 2002), ambos de contos. Vive atualmente em Portugal.



•••

O domingo e aqueles acordes de guitarra ecoando no pátio já são uma outra coisa. Ficam no outro lado. E isso sim estará para sempre em sua memória: a música saindo das cordas da guitarra, os acordes vivos como o sol que invadia o pátio através do vitral opaco do teto, misturando-se a luz que ali ganhava um aspecto quase corpóreo. De repente sentiu Sevilha palpável nas notas que enchiam o pátio, e apesar da concretude daquela sensação sentiu-se como num sonho, um sonho que jamais esqueceria. Jamais esquecerá que, ainda sonolento, abriu a porta do quarto que dava direto sobre o pátio e viu o dono do hotel — o homem de uns sessenta anos com quem na véspera trocara quatro ou cinco palavras sobre o preço da habitação — dedilhando sua guitarra sob a luz intensa do pátio. Ele olhou para o homem que lhe devolveu um leve sorriso, acompanhando com sons viris da garganta os acordes de seu solo flamenco.

Ele voltou para o quarto, agora sabia que chegava mesmo ao fim. Ao fim do fim, e que a partir dali era já outra coisa. Entendeu porque Sevilha na ponta da noite, entendeu o andejar vazio nas ruas brancas de Sevilha, e sobretudo sentiu, condensado nos acordes da guitarra flamenca que enchiam cada milímetro cúbico do pátio ensolarado, sentiu que algo novo se mexia dentro dele. Foi quase feliz nesse momento, apesar da dor de cabeça, a sede e todo o peso da ressaca. Agora estava pronto. Tinha sono ainda e seria bom dormir um pouco mais, dormir mesmo bastante, deixar-se ficar na cama sem horário. Mas sabia que depois acordaria, juntaria as roupas e iria embora de Sevilha. Talvez sem nem mesmo olhar para o velho andaluz que ficaria ali, em seu pátio ensolarado numa manhã de domingo, para sempre dedilhando as cordas de uma guitarra flamenca. ■



## ENTREVISTA | MIGUEL SANCHES NETO

**“Escrever  
é tirar um  
osso da  
garganta”**

Miguel Sanches Neto lança livro de contos, declara seu amor pelas narrativas curtas, mas diz que ainda persegue o grande romance



POR GUILHERME SOBOTA  
E YASMIN TAKETANI

Miguel Sanches Neto ganhou notoriedade como romancista e crítico literário, escrevendo para algumas das principais publicações nacionais. Mas o autor paranaense é daqueles escritores que jogam nas onze – vai do ensaio à crônica. Sua última empreitada literária é um passeio pelo conto, gênero que Miguel Sanches exercita com regularidade na imprensa. Várias das histórias que compõem *Então você quer ser escritor?*, seu novo livro, foram publicadas originalmente em jornais e revistas.

A nova coletânea de contos do escritor é uma espécie de reafirmação em um gênero que, para muitos críticos, vive uma espécie de crise, agravada por um suposto descaso do mercado editorial. “Escrever contos deve ser, antes de mais nada, uma necessidade. Se há este imperativo interior, devemos escrever contos, independentemente de questões de mercado ou de crítica”, diz o escritor, que esteve na Biblioteca Pública do Paraná, em maio, para ministrar uma oficina de contos.

Em *Então você quer ser escritor?* Miguel Sanches lega ao leitor aquele efeito singular, misto de desconforto e êxtase, que Tchêcov elencava como o grande atributo do conto. Em dezesseis contos, o autor despe o ser humano e o deixa à merce de suas próprias incertezas. Algo que escritores como Raymond Carver e Julio Cortázar, dois dos contistas que descansam no altar literário de Miguel Sanches, fizeram como poucos.

Escritor com larga trajetória, Miguel Sanches revela por que, apesar de tantos obstáculos, o ser humano ainda persegue a escrita. “Porque há algo que nos coloca um osso na garganta. Escrever é tirar este osso. Então escrevo porque tenho muita facilidade para me engasgar com ossos”.

Apesar de sua convicção no conto, o grande livro que Miguel Sanches ambiciona escrever, aquele em que todas as suas facetas de escritor – contista, poeta, cronista, ensaísta – vão se revelar em um mesmo texto, é um romance. “Continuo escrevendo porque ainda persigo uma voz que seja minha, um texto que possa ser o resumo de todos, e ao mesmo tempo uma coisa maior de que todos juntos – como é o caso de *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, livro-síntese de sua obra. Este desejo de chegar a um grande livro me leva mais para o romance. Vejo o romance como uma confluência de todos os gêneros”.

**Alguns editores aconselham os novos autores a não estrear com um livro de contos, pois argumentam que não há público para o gênero. Há também a ideia de que o conto é uma espécie trampolim para o romance. O senhor acaba de lançar um livro de narrativas curtas. O que pensa sobre o gênero? Há, de fato, pouco espaço para o conto?** Escrever contos deve ser, antes de mais nada, uma necessidade. Se há este imperativo interior, devemos escrever contos, independentemente de questões de mercado ou de crítica. Agora, de fato, o mercado é muito mais duro com o conto, a não ser com as antologias temáticas que têm espaço garantido. Parece que o leitor da era da internet se dispersa num volume com histórias muito variadas. Ele pode ler e gostar de um conto, mas não se concentra em uma sequência de histórias tão distintas. Para quem está começando a escrever, o conto funciona como exercício. Mas é preciso saber se este exercício funciona como conto. Se funcionar, haverá sempre um lucro para o escritor e para a literatura.

**Quais os contistas que o senhor considera fundamentais?**

Toda lista é sempre injusta e mal consegue refletir um gosto pessoal. Mas se ti-

vesse que escolher apenas três contistas que eu gostaria de ter no criado-mudo de meu quarto, escolheria Isaac Bashevis Singer, Julio Cortázar e Raymond Carver. A minha estante de contista, no entanto, é imensa, e eu preciso desesperadamente de todos eles. Sou um leitor devoto dos contistas.

**Em que momento o senhor define quais contos devem compor um novo livro? Eles precisam estar, de alguma forma, relacionados entre si?**

Na maior parte das vezes, o volume de contos reflete a passagem do tempo. Depois de alguns anos sem publicar uma coletânea, mas produzindo um ou dois contos por ano, o escritor avalia o material disponível, elimina alguns e escolhe aqueles que funcionam num livro. No meu caso, gosto que os contos tenham temas, estruturas e linguagens variadas ou, ao menos, alternadas, para criar um ritmo de leitura não-monocórdio.

**Ao longo de sua trajetória literária, o senhor praticou vários gêneros – poesia, conto, romance, crônica, ensaio, crítica. O senhor pensa que encontrou a sua voz em todos eles? E, imaginando que todos se completam, e apesar disso, qual deles lhe proporciona maior prazer?**

Todo texto é sempre uma tentativa. Escrever em vários gêneros, são várias formas de tentar dizer algo. Continuo escrevendo porque ainda persigo uma voz que seja minha, um texto que possa ser o resumo de todos, e ao mesmo tempo uma coisa maior de que todos juntos – como é o caso de *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, livro-síntese de sua obra. Este desejo de chegar a um grande livro me leva mais para o romance, mas um romance em que entrem os recursos da poesia, da crônica, do conto, do ensaio, dos diários etc. Vejo o romance como uma confluência de todos os gêneros. >>>

## BIBLIOTECA



**Um amor anarquista**  
Record, 2005 • 256 páginas



**A primeira mulher**  
Record, 2008 • 336 páginas



**Então você quer ser escritor?**  
Record, 2011 • 224 páginas

## ENTREVISTA | MIGUEL SANCHES NETO

O escritor vive à sombra de cobranças – da crítica e dos leitores – para que, a cada trabalho, faça sempre um livro melhor do que os anteriores. A que tipo de cobrança o senhor impõe? Errar, experimentar ou até mesmo escrever um livro ruim são aspectos importantes? Há espaço para o fracasso na literatura? Na verdade, todo livro é um fracasso. Alguns são grandes fracassos. Do ponto de vista do escritor, o livro escrito está sempre aquém do livro imaginado. Então, quando vêm as críticas negativas, embora machuquem, elas são afagos perto das críticas interiores que fazemos. O escritor é um ser fadado a essa insatisfação crônica, que o leva a experimentar-se sempre. Aliás, todo bom livro é um livro experimental, na medida em que tentamos dizer algo pela primeira vez.

Sua formação acadêmica influenciou sua literatura? É possível separar o trabalho acadêmico da produção artística? Ao mesmo tempo, o senhor também é crítico literário: de que forma esta prática o influenciou?

A formação universitária é importante desde que você não se deixe deformar por ela. Ela prepara melhor o seu olhar, ela clareia algumas questões, mas a arte precisa de um grau de obscuridade, de inconsciência, e o escritor nunca pode escrever como especialista em literatura. Tem que escrever como especialista em suas obsessões. A crítica literária militante me tira muito tempo, e isso é ruim, mas me coloca em contato com a produção contemporânea, e isso é muito bom. Sei mais ou menos para onde está indo, ou de onde está voltando, a literatura feita agora.

Recentemente, o crítico literário Alcir Pécora disse que a literatura brasileira de ficção passa por uma crise e que perdeu sua relevância. Um dos motivos, segundo Pécora, seria a “expansão das narrativas no cerne da própria existência”. Como o senhor vê esse



“ Toda narrativa vem do cerne da própria existência. Não há outra maneira de fazer a coisa.”

“ Vejo o romance como uma confluência de todos os gêneros”

“ Todo livro é um fracasso”

“ O escritor é um ser fadado à insatisfação crônica, que o leva a experimentar-se sempre”

**pessimismo de parte da crítica?**

Toda narrativa vem do cerne da própria existência. Não há outra maneira de fazer a coisa. E isso em si não é nem um defeito nem uma qualidade. O que conta é como você consegue transpor isso para a linguagem. É neste salto que está a grandeza ou a pequenez de um livro, seja explicitamente autoficcional ou estrategicamente distante do eu. Qualquer avaliação do conjunto da produção contemporânea é muito difícil. Jorge Luis Borges dizia que saberemos o que é a literatura de hoje daqui a 50 anos. E todo o período da modernidade é um período de crise. Se estamos em crise é um bom sinal. Parece-me que a literatura do século XXI não está em crise.

**Duas de suas obras foram traduzidas para a língua espanhola. Qual foi a sua participação como autor, e o que o senhor achou do resultado? Nas traduções, de modo geral, perde-se, digamos, essência das obras?**

Não tive nenhuma participação e não posso dizer nada dessas traduções. O que posso dizer é que hoje a literatura produzida no Brasil quer ser traduzida, quer se ver em outras línguas, e que isso traz um ganho de universalidade para as obras.

**Durante a Oficina de Criação Literária da BPP, o senhor disse que “ninguém nos pede para escrever”. De onde parte, então, essa vontade (talvez incontável) de escrever? E ainda: para quem o senhor escreve?**

Sim, ninguém nos pede para escrever um livro de ficção, e, ainda por cima, muitos nos pedem para parar – desde familiares até críticos. E por que continuamos? Porque há aquele imperativo interior. Algo que nos coloca um osso na garganta. Escrever é tirar este osso. Muitas vezes expelindo-o sobre a mesa posta para o jantar de confraternização, também conhecido como vida literária. Escrevo porque tenho muita facilidade para me engasgar com ossos. ■

## ACERVO DO BRAILE

# Livros para as mãos e os ouvidos

O maior acervo digitalizado do Brasil, para atendimento de deficientes visuais, está na Biblioteca Pública do Paraná

POR MONIQUE CELLARIUS

Segundo a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, de 2008, do Instituto Pró-Livro, 400 mil pessoas leem Braille no Brasil. A Biblioteca Pública do Paraná, juntamente com os institutos Benjamin Constant e Dorina Nowill, é um das responsáveis por difundir o sistema no país. A BPP tem hoje o maior acervo digitalizado, para atendimento de pessoas com deficiência visual, do Brasil. São mais de 23 mil exemplares em formato digital, que estão disponíveis não só para os seus 300 usuários cadastrados, mas também para leitores de várias bibliotecas do país: parte do acervo é concedido pela BPP, em regime de parceria, a outras instituições.

O Brasil conhece o sistema Braille desde 1854, data da inauguração do Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro. Na BPP, segundo o chefe da seção Braille, Airton Simille Marques, o Braille começou a se desenvolver em 1981, quando o acervo foi colocado à disposição dos usuários.

Processo de escrita e leitura baseado em 64 símbolos em relevo, resultantes da combinação de até seis pontos dispostos em duas colunas de três pontos cada, o Braille é utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão, e a leitura é feita da esquerda para a direita, ao toque de uma ou duas mãos ao mesmo tempo. “Há, na BPP, utensílios especiais, como lupas, livros com relevo, texturas e também audiolivros, que são destinados não apenas a pessoas cegas, mas para qualquer leitor que possua algum tipo de

Kraw Penas



A estagiária da Seção Braille, Delfina Amarilles Américo, trabalha de segunda a sábado na BPP.

deficiência visual”, diz Marques.

A seção Braille da BPP trabalha com três tipos de livros: em Braille, em áudio e digital. Os livros em Braille são aqueles que permitem a leitura por meio do tato, com as pontas dos dedos. Há mais de 1.500 títulos e um total de 3.500 volumes desse tipo de livro na seção. Grande parte do acervo vem de doações da Fundação Dorina Nowill, de São Paulo, e do senado federal. Vinte voluntários se revezam no atendimento da seção, que registra uma circulação mensal de aproximadamente cem pessoas.

Os livros em áudio, ou falados, são gravados com vozes sintetizadas e vozes humanas. As vozes sintetizadas são produzidas por computador na própria BPP. Parte do acervo de livros em vozes humanas é comprada pela biblioteca, o restante vem de doações, inclusive de Portugal. Já os livros digitais, que são livros digitalizados transformados em áudio, em sua maioria, também são produzidos pela BPP, que disponibiliza parte desse acervo para outras bibliotecas do país.

A seção Braille da BPP possui ainda um acervo com livros infantis

adaptados, produzidos artesanalmente, com ilustrações em relevo, em que as crianças podem sentir as diferentes texturas da história. ■

#### SERVIÇO:

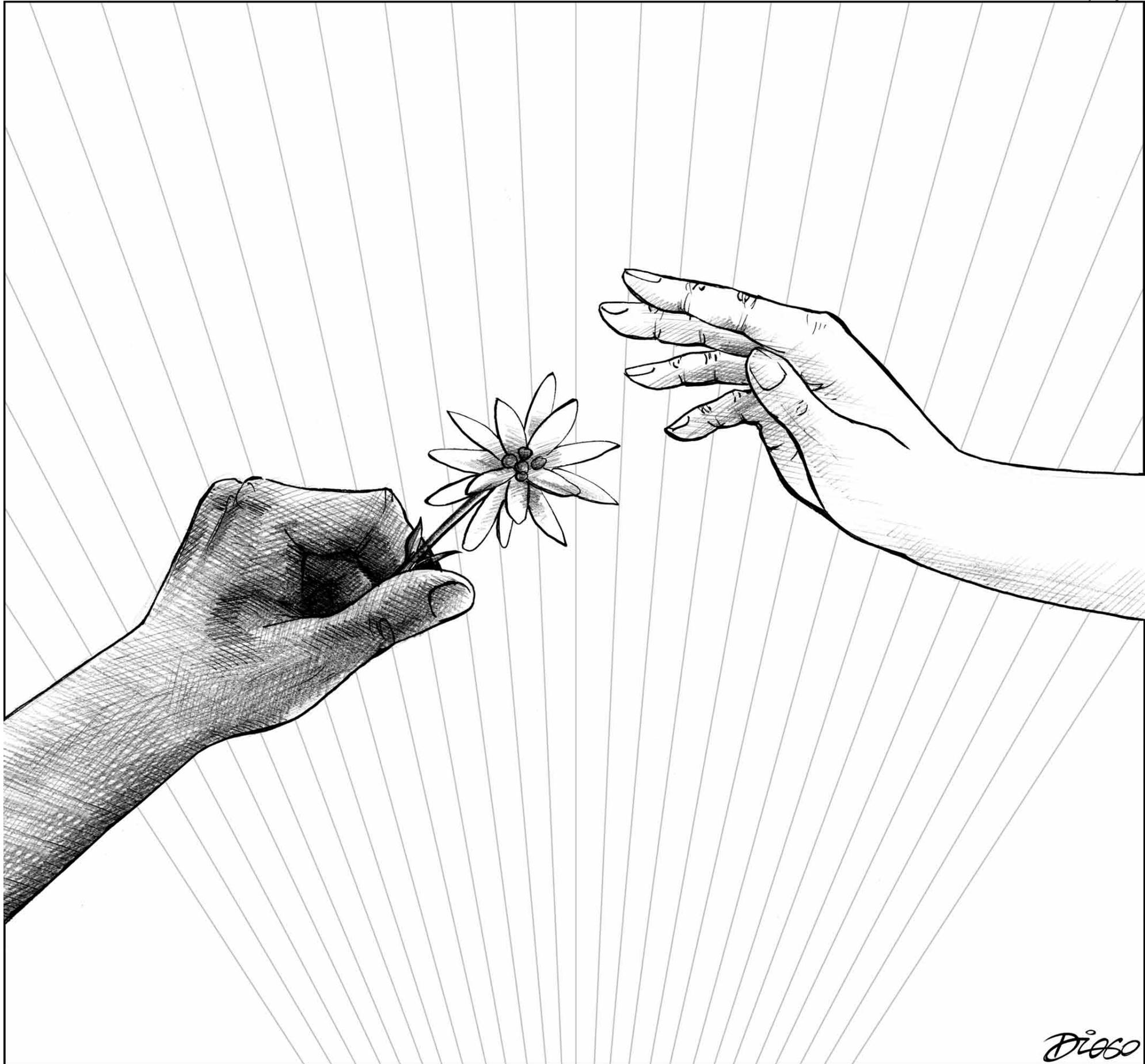
A Seção Braille funciona de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 19h, e aos sábados, das 8h30 às 13h.

Mais informações pelo telefone (41) 3221-4985, ou pelo email [braille@pr.gov.br](mailto:braille@pr.gov.br).



# INÉDITO

Ilustração: Diogo Salles



# A COR BRANCA DA AMIZADE

Por Paulo **Venturelli**

A tarde estava tão ensolarada que as janelas pareciam levantar, despregando-se das paredes. Padre Moretti, professor de português, leu para nós um poema sobre o edelvaís. E nos explicou: é a flor da amizade, só dá em grandes alturas, na beira de abismos de mais de três mil metros. Colhê-la e oferecer a alguém é o maior gesto de apreço que se pode fazer a uma pessoa, pelo esforço da aventura.

No pátio, eu e Avivan comentamos a respeito do assunto. Ele era o único garoto negro do internato. Eu o adorava por sua agilidade, bom humor e auto-ironia. Apesar de ter um corpo firme, bem desenhado, quando saltava, possuía a leveza de quem se desmancha no ar. Seus olhos estanhados lembravam dois sóis. Havia comentários maldosos sobre nós:

– Tá usando o neguinho como burro de carga, é?  
 – Vai fazer do nego o teu escravo?  
 – Naquela noite, furtivo e silencioso no seu jeito, Avivan chegou até minha cama e sussurrou:

– Vou pro mundo. Quero encontrar a flor pra te trazer. Claro que vai demorar, mas não volto sem a branquinha.

Ele portava a mochila no ombro. Desapareceu na névoa em torno da única luminária acesa pelos lados do portão.

De manhã, o reitor me chamou. Havia alvoroço por causa do sumiço do “nego”. Interrogaram sobre as razões. Eu disse que não sabia de nada e o caso morreu ali mesmo.

Meses depois, foi minha vez de abandonar o colégio. Estava cansado daquilo tudo. Usei a via clássica: no gabinete solene, declarei que perdera o interesse pelos estudos. Arrumaram minha papelada, enquanto fiz as malas e mergulhei na liberdade.

Fui me virando como deus. Até

concluir o curso de filosofia e me tornar professor. A vida se tornou agradável. Casei e tive dois filhos que morreram num acidente banal. Andavam de bicicleta lado a lado, resolveram se dar os braços. Talvez quisessem comprovar o quanto gostavam um do outro. As rodas se trançaram e eles caíram. O caminhão que levava flores para uma cerimônia cívica no palácio do governo esmagou os meus garotos. Quando minha mulher soube do ocorrido, não suportou a ausência e se suicidou. Acho que ela jamais soube a extensão, o vetor, a consistência, a incrível durabilidade da falta. E eu acabei por me aposentar.

Hoje, meu irmão veio falar comigo. Para ele, é um desperdício eu continuar sozinho neste casarão. Garante que pode alugá-lo para uma agência publicitária. Isso daria bom dinheiro para nós. Para nós? Diz que num asilo terei melhor atendimento e convivência para abrandar a solidão. Acho que ele jamais soube a insistência, o ferrão, a profundidade, a devoradora acidez de se estar sozinho.

Avivan nunca voltou. E o que importa isso ou uma flor? Marcou-me o seu gesto. Por ele valeu a própria vida. Que amigo hoje sai pelo mundo em busca de algo para outro amigo? Que Alpes alguém divisa em frente dos olhos?

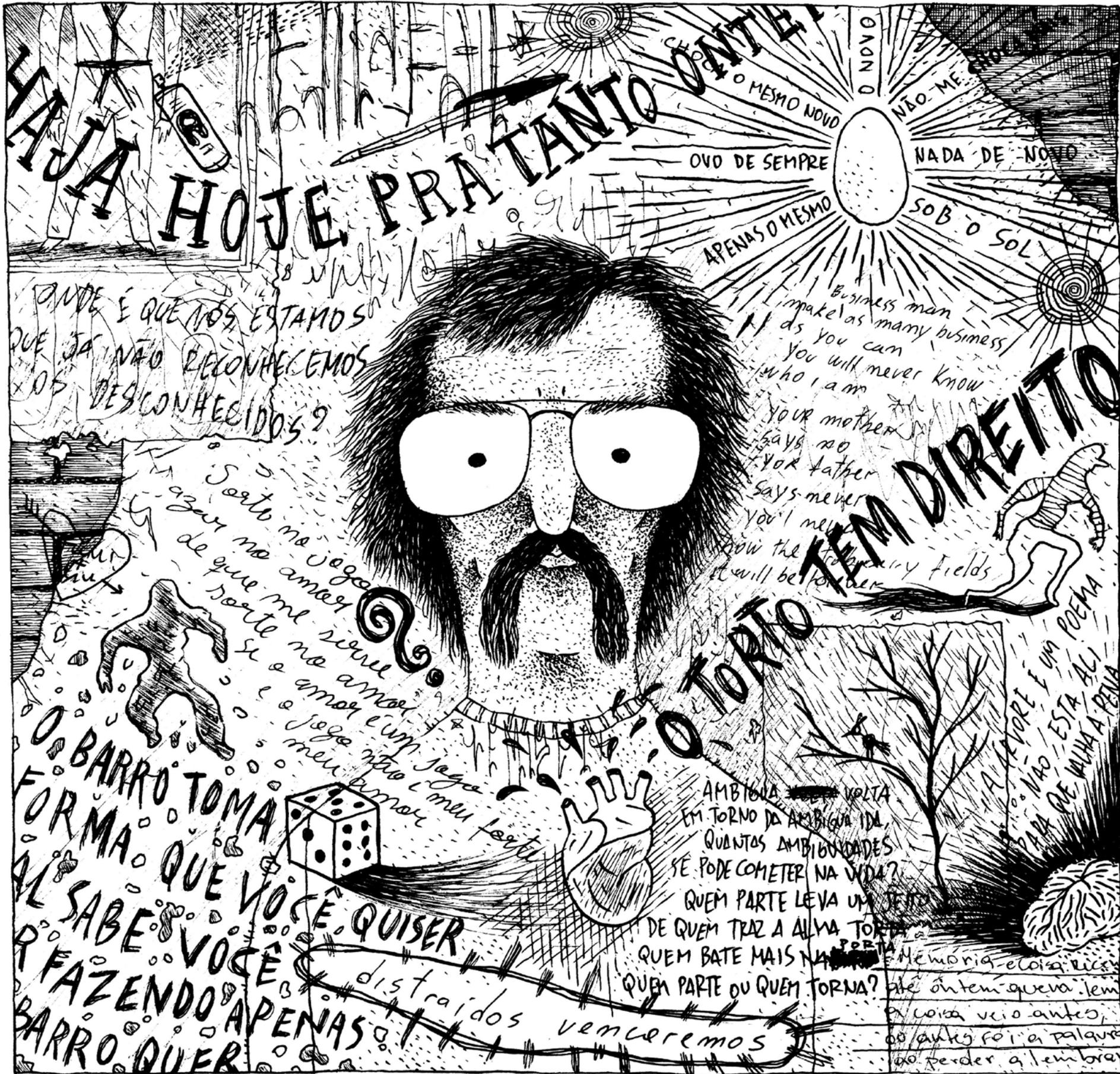
Vou para o asilo. Lá, certamente, há janelas iluminadas e capazes de flutuar na transparência. E eu espero, pois foi esse o modo de conviver comigo mesmo e com a saudade. Não foi muito difícil.

Acho que o mundo podia ser simples assim. ■

 **Paulo Venturelli** é escritor e professor universitário. É autor, entre outros, do livro de contos *Fantasma de caligem* (Travessa dos Editores, 2006) e do romance *Meu pai* (Kafka, 2010). Vive em Curitiba (PR).

# ENSAIO | PAULO LEMINSKI

Ilustração: Rafael Sica



ONDE É QUE NÓS ESTAMOS  
QUE JÁ NÃO RECONHECEMOS  
OS DESCONHECIDOS?

O BARRO TOMA  
A FORMA QUE VOCE QUISER  
FAZENDO APENAS  
BARRO QUER

distraídos  
venceremos

CHOCÓ O MESMO NOVO  
OVO DE SEMPRE  
NADA DE NOVO  
SOB O SOL  
APENAS O MESMO  
NÃO ME

Business man  
makes many business  
do you can  
you will never know  
who I am  
your mother  
says no  
your father  
says never  
you'll never  
know the  
it will be for ever

HÁ DIREITO

AMBIGUA VOLTA  
EM TORNO DA AMBIGUIDADE  
QUANTAS AMBIGUIDADES  
SE PODE COMETER NA VIDA?  
QUEM PARTE LEVA UM  
DE QUEM TRAZ A ALMA TORNA  
QUEM BATE MAIS NA  
QUEM PARTE OU QUEM TORNA?

Memória e coisa rica  
que ontem quebra lem  
a coisa veio antes  
do antes foi a palavra  
do perder a lembrar

A LAVORÉ É UM POEMA  
PAPA DE NAO ESTA ALI  
DE MIA A PENIA

# Esse Leminski!

Da canção pop à literatura grega, a produção literária de Paulo Leminski é o resultado e o diálogo com todos os problemas estéticos e expressivos que a história da literatura depositou em suas mãos

POR RICARDO SILVESTRIN

**P**aulo Leminski era um poeta tão novo que nem teve tempo de envelhecer. Morreu aos 44 anos. Como os mitos da contracultura, Jimi Hendrix, Janis Joplin, vai ser eternamente jovem. Sua poesia faz uma curva rápida, que vai quase que em linha reta, da celebração da vida, da arte, da alegria, até a surpresa frente à morte, à dor. E desses últimos temas, ele trata ainda com a mesma vivacidade, a mesma ironia, sem se deixar abater nas suas últimas forças de homem jovem.

É impossível saber se a sua poesia, com Leminski seguindo vivo, iria trazer as perdas da idade, da passagem do tempo, ou ele desviaria sua atenção para as questões da arte, da expressão, da busca pelo novo. Um homem velho e, antes de tudo, inventivo, como um Haroldo de Campos. Ou um lírico tentando decifrar a vida, a velhice, o sentimento de tudo, como um Drummond.

Mas vida não tem *se*. O que temos é esse poeta e sua poesia criada num tempo definido. Nessa trajetória breve, o que ele concluiu da vida pode estar expresso nesse poema também breve, que está no final do último livro que preparava, *La vie em close*: “vida e morte/amor e dúvida/dor e sorte/quem for louco/que volte”. O humor equilibra o trágico, pelo menos no tom

do discurso. O poema fica zero a zero, para citar o próprio poeta, que escreveu “poema que é bom acaba zero a zero”. Ou seja, o texto não vai cair para a depressão e muito menos para a euforia. No entanto, o tom leve revela uma conclusão amarga. Os opostos não são vistos como complementos, mas como tensão insuportável. Uma vida é o bastante para passar por isso tudo. Nada de reencarnação.

É claro que um poema como esse, isolado, também pode ser visto apenas como um estado de alma. Em determinados momentos, a tensão é tanta que não vemos sentido na vida. Em outros, queremos que a existência siga infinita: “essa vida é uma viagem/pena eu estar/só de passagem”, escreveu o poeta no mesmo livro. >>>

## ENSAIO | PAULO LEMINSKI

Ninguém vira mito sem suar a camiseta. Presenteado pelas musas com uma grande capacidade de trazer à tona *insights* singulares, com uma grande veia comunicativa, Leminski não achou que o jogo, em virtude desses atributos, estivesse ganho. Sua produção é o resultado do diálogo com todos os problemas estéticos e expressivos que a história da poesia depositou em suas mãos, como quem diz para o poeta: sai dessa!

De fato, escrever poemas interessantes no Brasil, depois da poesia concreta, de Cabral, de Drummond, de Oswald, para citar apenas os que Leminski mais admirava, é uma tarefa dura. Escrever depois de grandes momentos de reflexão, de ampliação do discurso teórico sobre a linguagem, a arte, a poesia, marcas do século XX, também. Produzir em meio à cultura de massa, à crise das ideologias, à ascensão da música popular num país menos letrado e com “ouvido musical”, como cantou Caetano, tudo isso estava no caldeirão do nosso bardo paranaense.

Na esteira de Ezra Pound e dos poetas concretos, Leminski amplia seu repertório, e o nosso, seus leitores, dos gregos aos japoneses. Formula arte-pensamento, ensina, socializa conhecimento, milita, devolvendo tudo em poemas, ensaios, prosa, fala, cursos, oficinas, canções. Do seu lado professor de história, até Jesus é revisto.

Essa sua capacidade de doação fez com que toda uma geração parasse para ouvir, ler, curtir a sua luminosa presença. Mais do que chamar a atenção para si mesmo, a atuação dele apontou para várias direções e descobertas.

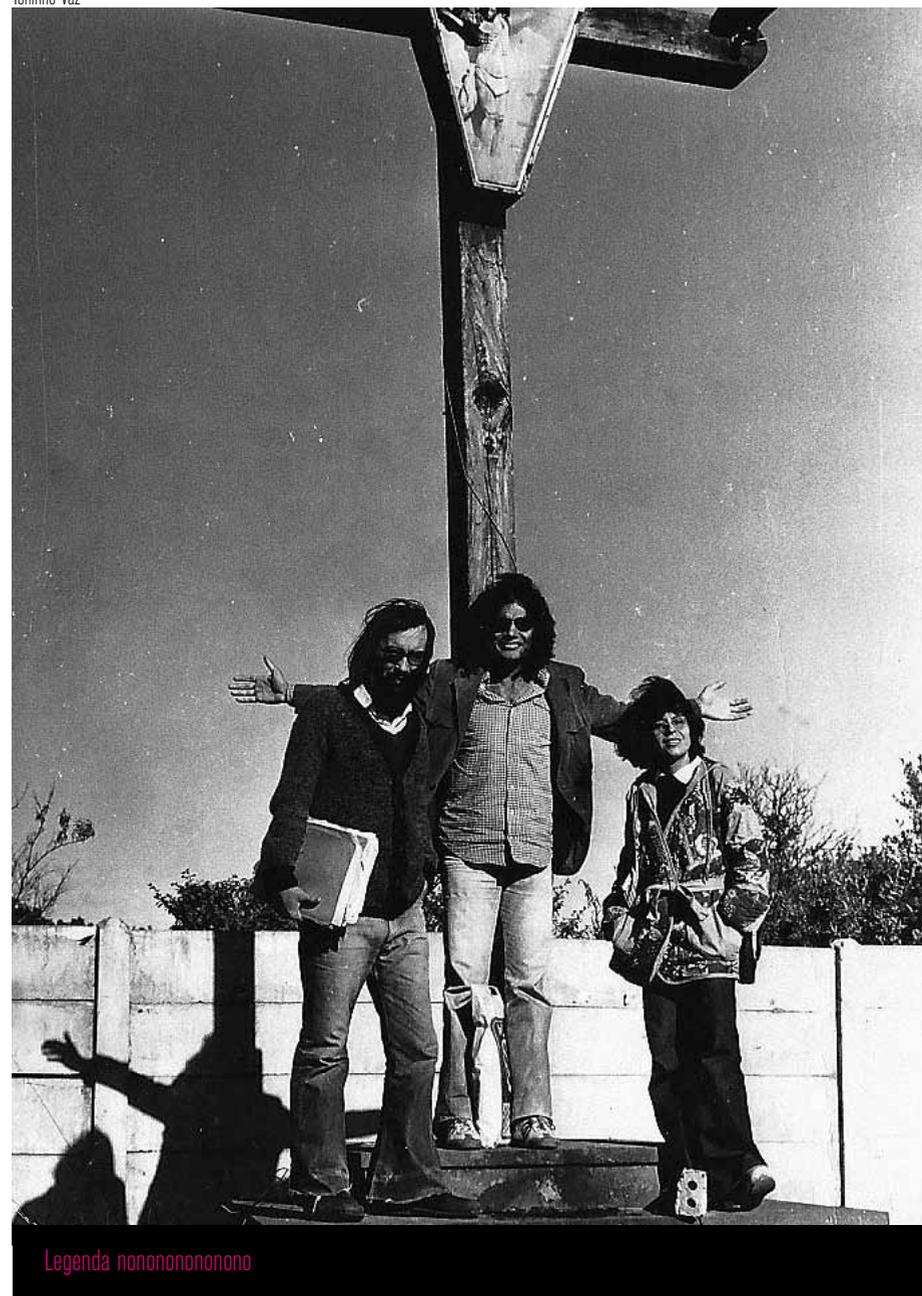
Se fizermos uma tomada aérea, movimento de Google Earth, mas não no sentido espacial e sim temporal, vamos ver em que bronca estética sua poesia estava metida. O verso, unidade de imitação dos conjuntos da fala – sim falamos em pedaços, como os versos, e não como a frase, pois apenas quem fala

como a frase é locutor de futebol no rádio –, era, lá na Grécia antiga, algo feito para o ouvido. As métricas, ou seja, o tamanho de cada verso, tinham uma função: era recomendável x número de sílabas se o verso seria entoado, outro número se estivesse nas falas de um diálogo, outro se fosse na parte da peça que teria dança... O verso é anterior à frase. Essa unidade sonora, na qual eram construídas as peças de teatro e os textos entoados ao som da lira, não tinha vindo ao mundo para ser lida. O verso era apresentado, consumido pelo ouvido. Os copistas apenas registravam esses textos para que não se perdessem. As bibliotecas, onde os tesouros ficavam guardados, eram raras. Com a invenção da imprensa, só lá no século XV a poesia começa a ser tanto consumida quanto criada para o papel.

Essa mudança traz questões novas para a recepção e para a produção do poema. Os valores sonoros como métrica, rima e outros passam a conviver com valores espaciais e visuais. Quem estava contando sílaba, de repente deve ter olhado para a folha e visto que quebrar o verso no espaço, mesmo que não fosse a hora pela métrica, poderia trazer um novo efeito expressivo. Mais, olhando as letras, a mancha, um novo mundo criativo se descortinava. O poema começava a passar de apenas jogos de sentido e som para jogos de sentido, som, espaço e desenho. O leitor, lá pelas tantas, também começa a se perguntar por que mesmo esse poeta está cantando para os ouvidos se são os olhos que estão vendo.

Cada língua e cada história literária do ocidente construíram, e continuam construindo, sua nova poesia no embate criativo com essas questões. Quando dizemos verso livre, estamos dizendo livre da métrica, mas não livre da tarefa de criar uma estrutura no espaço. Durante a primeira metade do século XX, um conjunto de excelentes poetas brasileiros chegou a resultados

Toninho Vaz



Legenda nononononono

“ Leminski rejuvenesceu a poesia, aproximando-a dos jovens, com uma visão de mundo pop mas crítica, temperada com humor mesmo quando ácida. Sua aparente anarquia estética tinha rigor técnico, e sua enganadora displicência tinha sólida humanidade. Seu grande legado é ser autêntico.”

Domingos Pellegrini, escritor.

“As mãos que escrevem isso  
um dia iam ser de sacerdote  
transformando o pão em vinho forte  
na carne e sangue de Cristo

hoje transformam palavras  
num misto entre o óbvio e nunca visto”  
SACROLAVORO

“Quisera poder pensar  
como se faz o velho mundo  
eles me querem espelho  
como se não tivesse mistério  
essa minha falta de assunto”  
MEU EU BRASILEIRO

“Nada me demove  
ainda vou ser  
o pai dos irmãos karamazov”

“Isso de querer  
ser exatamente aquilo  
que a gente é  
ainda vai  
nos levar além”  
INCENSO FOSSE MÚSICA

“Aqui jaz um grande poeta.  
Nada deixou escrito.  
Este silêncio, acredito,  
são suas obras completas”  
LÁPIDE 1  
Epitáfio para o corpo

“Aqui jaz um artista  
mestre em desastres  
viver  
com a intensidade da arte  
levou-o ao infarte  
Deus tenha pena  
dos seus disfarces”  
LÁPIDE 2  
Epitáfio para a alma

consistentes usando tanto as surpresas de significado, como de som e de espaço/desenho. Temos a consolidação de um verso livre com Drummond, Bandeira, Quintana, Cabral, ente outros, e a criação de uma nova poesia, mais visual, com Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos e diversos poetas que aderiram à proposta concreta. E, na sequência, ainda outras vertentes, como a poesia neoconcreta, o poema processo, além dos neosurrealistas/beatnicks, da arte engajada politicamente e da arte da nova canção popular brasileira.

A questão que se impunha para Leminski foi a que ele mesmo expressou em carta para Régis Bonvicino. Num episódio que nomeou como transmissão da lâmpada, Leminski relata que Décio Pignatari disse a ele que o concretismo tinha que acabar. E só quem poderia fazer isso eram os novos poetas, como Paulo. Da reflexão sobre como dar conta do pedido, Leminski decide permitir que passem a entrar no seu verso elementos que eram dele e da geração dele, como a contracultura e o trotskismo. A partir disso, cria o seu verso, que não era mais a poesia concreta, embora nascido dela, nem o verso modernista.

O que tem da poesia concreta no verso de Leminski é o fato do jogo de linguagem, do gesto com a palavra estar à mostra – ele vem para o primeiro plano. Do verso modernista, o discurso, ou seja, falar sobre alguma coisa (diferente do poema concreto que, em vez de falar sobre, a forma concretiza o conteúdo, vemos o conteúdo/forma em vez de lermos sobre ele) e a liberdade de dizer num verso livre – na poesia moderna, como já se disse, cada poema cria a sua arte poética.

Mas isso não é tudo. Os impasses poéticos antes da produção de Leminski poderiam ser agrupados assim: discurso x não-discurso – questão da poesia concreta; livre x métrica/rima/formas fixas – questão dos modernistas; projeto anterior x descoberta criativa – questão

neoconcreta e processo; racionalismo x inconsciente e piração – questão dos neosurrealistas/beatnicks; falar da realidade brasileira com uma leitura de esquerda – questão dos engajados; retomar a linha evolutiva da música popular brasileira – questão tropicalista.

Da experiência concretista – o olhar atento sobre a palavra, e da experiência do haicai, Leminski colhe elementos formais para criar um novo discurso. São palavras precisas. Não há nada sobrando. Faz um discurso não-discursivo.

Do conhecimento diversificado e aprofundado do som, das possibilidades sonoras da palavra, vai além da ideia de rima, trazendo anagramas, ecos, aliterações. Faz um verso não metrificado, mas cheio de ritmo, de melodia e muito sonoro. Classificações como “rica rima e rima pobre” se esfumam, pois a concisão, a precisão, a contemporaneidade, a inteligência do *insight*, tudo isso faz saltar a ideia com seu som na nossa cara: “confira/tudo que respira/conspira”. São três verbos, mas quem vai se lembrar de pensar se são rimas ricas ou pobres? O discurso é novo e os problemas estéticos que propõe também se apresentam como novos. Formas fixas ficaram para trás? Leminski revalida o haicai, mas dentro de um espírito moderno. Interessante menos contar sílaba do que buscar o poema breve que capte o aqui e agora.

Sua poesia não postula um conjunto de preceitos. Não há um manifesto, uma plataforma anterior. Vai se realizando a cada poema. Mas, nem por isso, deixa de revelar as escolhas do poeta como estamos colocando aqui.

Leminski não parecia acreditar que a irracionalidade deveria vir à tona e fazer o poema. Mas também sabia que, mesmo tendo a consciência da linguagem, o *insight* e o acaso eram e sempre serão dados do tabuleiro: “depois de muito meditar/resolvi editar/tudo o que o coração/me ditar”. É claro que há uma ironia, uma brincadeira com medi-

tar e me ditar, que, talvez por ela mesma, até contra o que ele pensasse, vale a existência do poema – tipo: “perco o amigo, mas não perco a piada”. Mas há uma ideia de inspiração contida aí. É um jogo dúbio na palavra editar – que percebo só agora. Pode-se editar, publicar, tudo o que o coração mandar. Ou editar, cortar, reordenar. Esse Leminski!

Quanto ao engajamento, ele era de esquerda, trotskista. Cita o seu escolhido entre os socialistas em alguns poemas. Contudo, não deixa de passar uma rasteira nos maniqueísmos tanto do pensamento de esquerda quanto da arte engajada: “podem ficar com a realidade/esse baixo astral/em que tudo entra pelo cano/eu quero viver de verdade/eu fico com o cinema americano”.

O verso sonoro que cria, desliza também nas melodias tanto compostas por ele, como, por exemplo, em Verdura, quanto em parcerias com outros músicos. Reata, como fez Vinícius, as pontas com o verso grego – o poema, agora letra, não apenas lido, mas ouvido, além de dialogar com o presente e com a qualidade dos compositores inventivos brasileiros.

Como se vê, Leminski foi um poeta que viveu profunda e ativamente as questões do seu breve tempo. Sua passagem de cometa ajudou a trazer respostas novas, que superaram alguns impasses e propuseram outros. É desses que empurram seu tempo para frente. Não teve tempo de envelhecer. Mas, depois da sua poesia, muitas discussões ficaram velhas.

 **Ricardo Silvestrin** é autor de quatorze livros. Os mais recentes são *O Menos Vendido* (poesia, 2006, editora Nankin), *Play* (contos, 2008, editora Record) e *O videogame do rei* (romance, 2009, editora Record). É também músico e integra a banda os poETs. Mora em Porto Alegre (RS).

# Paralelas que se encontram

POR TONINHO (MARTINS) VAZ

Desde que escrevi a biografia de Paulo Leminski, há exatos dez anos, recebi várias críticas (especializadas) e opiniões de leitores que são lidas e arquivadas como parte integrante do trabalho. O livro, chamado *O bandido que sabia latim*, já está esgotando a terceira edição e seu gráfico de venda, nunca interrompido, permanece estável, ou seja, com o vetor apontado levemente para cima. É o interesse dos jovens leitores pelo poeta do Pilarzinho que revitaliza a procura por aquilo que já foi definido como “a linha que nunca termina”. A obra de Paulo Leminski, além dos poemas de estalo, tão ao gosto das massas leitoras de poesia (o gueto dos guetos), ainda guarda indicações e estudos que não foram inteiramente decodificados.

Talvez tão interessante quanto a “obra” de Leminski, seja a justificativa que ele dava à criação desta obra. Um exemplo clássico é o seu romance-objeto, que durante algum tempo foi chamado de *Descartes com lentes* (enquanto ainda era um conto) e, mais tarde,

*Zagadka*, que significa *enigma* em russo-polonês. O nome definitivo surgiu na temporada carioca, quando os moradores do Solar da Fossa, a legendária pensão da contracultura, o saudavam em voz alta pelos corredores: “Lá vem o Leminski com aquele catatau embaixo do braço”. Então ele mudou o nome do livro para *Catatau*.

Na condição de amigo e biógrafo, sempre lamentei não estar perto do poeta quando ele concebeu o ensaio *Metamorfose*, no final da vida, quase em êxtase, como um monólito misterioso e, paradoxalmente, revelador. (Nessa época, nossos encontros se tornaram raros, eu morando no Rio e ele entre São Paulo e Curitiba.) Para quem tinha começado a vida intelectual ainda menino em escolas religiosas, estudando e se aprofundando em clássicos do pensamento greco-romano, nada mais razoável que conceber como desfecho de vida “uma viagem pelo imaginário grego”, como ele mesmo definiu seu interesse por Ovídio e a mitologia. Claro, sempre subvertendo e avançando na estética de uma narrativa poética ao nível da erudição, pois não devemos confundir o

seu trabalho com *Metamorfose*, o clássico. Leminski tinha como meta a forma.

Certa vez, quando cheguei à casa do poeta, na Cruz do Pilarzinho, para uma visita rotineira, ele falou das tentativas para encontrar, no mapa da Polônia, a pequena cidade de Narájow, supostamente o berço original do clã Leminski. Nada encontrou. Já tinha desistido, quando percebeu uma mosca pousar no mapa. Não titubeou. Levantou-se com uma caneta na mão e fez um círculo no local exato onde a mosca esfregava as patinhas. Ali ficava Narájow. Em seguida concebeu um poema:

*uma mosca pouse no mapa  
e me pouse em Narájow  
a aldeio de donde veio  
o pai do meu pai,  
o que veio fazer América,  
o que veio fazer o contrário,  
a Polônia na memória,  
o Atlântico na frente,  
o Vístula na veia  
(...)*

Outra vez, durante uma conversa informal na casa da Cruz do Pilar-

zinho, nos anos 1970, ele perguntou amavelmente pela minha namorada, senhorita S., mas se surpreendeu com a minha resposta:

– Está tudo bem, Paulo. Mas hoje ela está com uma namorada... Sim, estou convivendo com esta situação.

Ele reagiu com um sorriso malicioso para, em seguida, repetir uma atitude que lhe era característica ao levantar-se das almofadas aos berros e desaparecer pelo interior da casa:

“Alice, Alice, o futuro chegou! O Martins tem uma namorada que tem uma namorada!” Alguns dias depois, esta frase (conceito) fazia parte da narrativa do romance em processo *Agora é que são elas*, usada, obviamente, no contexto da trama.

Outra vez, ao se debruçar sobre uma cena de natureza morta, onde uma cigarra era devorada por dezenas de minúsculas formigas, ele procurou um papel e uma caneta e, em poucos minutos, registrou o poema:

*acabou a farra  
formigas mascam  
restos da cigarra*

**24 de agosto de 1944** – Nasce Paulo Leminski Filho, em Curitiba. Filho de Paulo Leminski e Áurea Pereira Mendes. Descende de poloneses e negros.

**1958** – Aos 14 anos, é mandado ao mosteiro São Bento, em São Paulo.

**1961** – Aos 17 anos, casa-se com a artista plástica e desenhista Neiva Maria de Souza, na época com 15 anos.

**1963** – Conhece os poetas Haroldo de Campos e Augusto, no I Congresso de Poesia e Vanguarda, realizado em Belo Horizonte (MG).

**1964** – Publica cinco poemas na revista *Invenção*, de Décio Pignatari. Começa a dar aulas de História, Literatura e Redação para cursos pré-vestibulares.

**1966** – Fica em 1º lugar no II Concurso Popular de Poesia Moderna, promovido pelo jornal *O Estado do Paraná*.

**1969** – Nasce seu primeiro filho com Alice Ruiz, Miguel Ângelo Leminski. Vive entre o Rio de Janeiro e Curitiba.

**1970** – Muda-se de vez para Curitiba, onde se torna redator publicitário e diretor de criação

**1975** – Depois de oito anos de trabalho, lança o romance *Catatau* (Ed. do Autor), seu primeiro livro.

**1976** – Em parceria com o fotógrafo Jack Pires, escreve *Quarenta clics em Curitiba* (Etecetera), livro de poemas e fotografias.

**1978** – Morre Áurea Perreira Mendes, mãe de Leminski.

**1979** – Aos 10 anos, morre seu primeiro filho, Miguel Ângelo, em decorrência de um linfoma.

**1980** – Primeiro livro de poemas é *Não fosse isso e era menos, não fosse tanto e era quase* (Ed. ZAP). A partir daqui, Leminski passa a publicar livros de poemas regularmente até o fim da vida. Passa a colaborar com a *Revista Veja*.

**1981** – Caetano Veloso grava *Verdura*, música escrita por Leminski, no disco *Outras Palavras*. A banda curitibana *Blindagem* grava diversas canções de Leminski, em seu disco de estreia.



Parece claro que um dos pontos fascinantes da poesia de Paulo Leminski, junto à consciência do leitor ávido de autenticidade, vem desta observância do cotidiano, da correspondência com a realidade e, por fim, da iniciativa salutar (do ponto de vista da poesia), de promover o reverso, ou seja, a insurreição da fantasia. Como neste poema cheio de revolta (no caso, das palavras):

*nunca quis ser  
freguês distinto  
pedindo isso e aquilo  
vinho tinto  
hasta la vista  
queria entrar  
com os dois pés  
no peito dos porteiros  
dizendo pro espelho:  
- cala a boca  
e pro relógio  
- abaixo os porteiros*

 **Toninho (Martins) Vaz** é autor da biografia de Paulo Leminski, *O bandido que sabia latim* (Record). Acaba de lançar, pela editora Casa da Palavra/LeYa, *Solar da Fossa – Um território de liberdade, impertinências, idéias e ousadias*. Vive no Rio de Janeiro desde 1974.

**1983** – Entre 1983 e 1986, lança a série de biografias sobre Cruz e Souza, Jesus Cristo, Matsuo Bashô e Leon Trotsky, todas pela editora Brasiliense.

**1984** – Lança o romance *Agora que são elas* (Brasiliense).

**1985** – Traduz autores como John Fante, Petrônio e John Lennon. O cineasta Werner Schumann lança o documentário *Paulo Leminski – Ervilha da Fantasia*.

**1986** – Sai a coletânea de ensaios *Anseios Crípticos* (Criar Edição).

**1987** – Lança *Distraídos Venceremos* (Brasiliense), um de seus mais importantes livros de poemas.

**1988** – Publica o livro infantil *Guerra dentro da Gente* (Scipione).

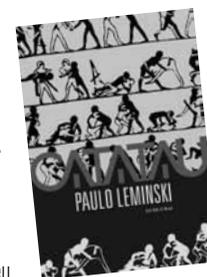
**1989** – *A Lua no Cinema* (Arte Pau-Brasil), livro de poemas para o público infantojuvenil, é lançado com ilustrações de Alonso Alvarez.

**7 de junho de 1989** – Morre, aos 44 anos, em Curitiba.

**1991** – É lançado *La Vie en Close* (Brasiliense), reunião de poemas inéditos.

**1992** – Sua correspondência com o poeta Régis Bonvicino é publicada no livro *Uma carta - uma brasa através* (Illuminuras).

**1993** – Fundação Cultural de Curitiba publica o conto “Descartes com Lentes”, que deu origem a *Catatau*.



**1994** – *Metaformose* - uma viagem pelo imaginário grego (Illuminuras), livro de poemas, cujo título foi adaptado para *Metamorfose*, pelos editores, desconhecendo a intenção do poeta. O livro foi laureado com o Prêmio Jabuti de Poesia em 1995.

**1996** – Lançado os últimos poemas inéditos, na coletânea *O ex-estranho* (Illuminuras), organizado por Alice Ruiz e Áurea Leminski.

**2001** – O jornalista curitibano Toninho Vaz lança a biografia *Paulo Leminski, O bandido que sabia latim* (Record).

# *Catatau* ressurgue mais uma vez

POR LUIZ REBINSKI JUNIOR

Há poucas coisas mais estranhas do que um poeta fazer sua estreia na literatura pela via do romance. Ainda mais se esse livro for um monolito experimental publicado de forma independente em uma cidade como a Curitiba dos anos 1970. Mas Paulo Leminski não era um escritor convencional e sua estreia literária com *Catatau* foi não só uma homenagem à criação inventiva de autores como Joyce e Guimarães Rosa, mas também uma forma de revelar suas pretensões dentro da cena literária brasileira.

A ideia de *Catatau* surgiu ainda nos anos 1960, no meio de uma aula dada por Leminski em um curso pré-vestibular. Um *insight* que lhe custaria oito anos de trabalho. Leminski imaginou como seria se René Descartes desembarcasse no Nordeste brasileiro – como parte da expedição holandesa do príncipe Maurício de Nassau – e se deparasse com a realidade e o calor dos trópicos. No sol do Nordeste brasileiro, o pensamento cartesiano dá lugar a alucinações causadas por uma erva fumada pelo fundador da filosofia moderna, que, embaixo de uma árvore, embarca em um delírio. A essa sinopse psicodélica, Leminski adicionou seu conhecimento em línguas latinas, que estudou durante o período em que esteve no mosteiro São Bento, quando ainda era adolescente.

O romance teve uma longa gestação e foi inicialmente desdobrado de um conto chamado “Descartes com Lentes”, que Leminski escreveu especialmente para o Concurso Nacional de Contos do Paraná, na época o mais

Toninho Vaz



“ O Leminski é um poeta no sentido amplo do termo. É um multiartista, um pensador que devorava referências e transformava em palavra viva, em linguagem. Foi justamente seu entusiasmo pela linguagem que me levou a criar uma obra original no teatro a partir da leitura de seus textos. Leminski é um poeta-farol, um criador da língua, um vociferador imprescindível. É provável que ainda hoje esteja um passo a nossa frente”.

Marcio Abreu, dramaturgo e diretor.

“ Sou admirador da poesia do Leminski porque nela vejo uma grande liberdade com a linguagem, somada a um sempre bem-vindo rigor formal. Além do mais, ele era um trágico com faro pop, o que deu muito charme à obra. Da sua geração, é meu poeta preferido.”

Fabrizio Corsaletti, poeta.

prestigioso prêmio literário do país.

Depois de anos de trabalho, *Catatau* foi publicado em 1975. Desde então, é considerado uma das obras mais estranhas e ousadas da literatura brasileira. Talvez por isso, há anos o livro entra e sai das livrarias com a rapidez de um haicai. Desde 2005, quando completou trinta anos e foi reeditado, o livro não era visto nas livrarias. A nova edição de *Catatau*, enriquecida por fortuna crítica, com textos assinados por Flora Sussekind, Antonio Rísério e Haroldo de Campos, saiu em 2010, pela editora Iluminuras.

### Influência

A reedição do livro, no entanto, é corroborada por um crescente interesse por parte de leitores e realizadores, que ainda se sentem instigados a desvendar aquilo que Haroldo de Campos chamou de “Leminskiada”, em uma referência à *Iliada*, de Homero.

Ainda que hermético e experimental, o livro tem sobrevivido bem ao tempo e aos constantes sumiços das estantes. Fascinado com “a grandiosidade do livro”, o cineasta mineiro Cao Guimarães se embrenhou na obra mais difícil de Leminski para produzir *Ex-Isto*, “adaptação” livre de *Catatau*.

Avesso a adaptações cinematográficas de livros e autor de um cinema pouco convencional, Guimarães e o ator João Miguel, que interpreta Renatus Cartesius no filme, exploraram, de forma muito particular, o delírio da mente cartasiana e o “derretimento” das ideias do filósofo francês nos trópicos.

“Já conhecia os poemas do Leminski, mas quando comecei a pesquisa para o projeto e li o *Catatau*, fiquei

João Urban



muito impressionado com a grandiosidade do livro”, diz Guimarães. O diretor confessa que não conseguiu ler mais do que três páginas por dia, “sempre em voz alta”.

*Catatau* também foi determinante para que Marcio Abreu e sua Companhia Brasileira de Teatro montassem *Vida*, peça inspirada na obra e na vida de Leminski. O trabalho, que ganhou o prêmio Bravo! de melhor espetáculo teatral de 2010, nasceu de um solo teatral feito a partir do texto *Descartes com Lentas*, o conto que deu origem a *Catatau*.

Na peça, quatro integrantes de

uma banda ensaiam para o jubileu de uma cidade sem nome, mas que se parece muito com Curitiba. A partir desse mote aparentemente banal, Abreu estabelece o que chama de “conversa com Leminski”, utilizando-se, para isso, das diversas facetas do escritor, como a de tradutor, crítico, prosador, letrista e músico.

“Leminski antecipou o trânsito entre as linguagens, a multiplicidade na expressão artística. Foi uma espécie de farol, um devorador de referências, um inventor da língua, um criador de linguagem”, diz Abreu. ■



# Mais para Beethoven do que para Mozart

O músico Sérgio Albach, fã de Dalton Trevisan e Balzac, revela suas preferências literárias e diz onde música e literatura se encontram

POR YASMIN TAKETANI

No dia 10 de setembro de 2010, *O homem que queria ser rei e outras histórias*, do escritor indiano Rudyard Kipling, chegava às bancas de todo o país em um volume de capa dura, em tecido verde. O número 17 da coleção de clássicos da literatura mundial também chegava às mãos de Sérgio Albach, 44, músico que decidiu encarar os 30 títulos da coleção.

Semanalmente, Albach ia até a banca de jornal buscar seu clássico da vez. Os livros que por algum motivo ficaram faltando, eram comprados pela internet. Apesar da facilidade das compras *online*, o ritual de ir até a banca agrada mais Albach, que também é um *habitué* livrarias. “Gosto de olhar as estantes de livro sem compromisso, tentar encontrar algo que me agrada, sem indicações. Ainda gosto de ter o livro à mão. Tenho alguns no computador, mas não consigo gostar de ler na tela”, explica o músico.

Albach é coordenador artístico da Orquestra à Base de Sopros, integrante – junto a Glauco Sölter e Vina Lacerda – do Mano a Mano Trio, e acaba de sair em turnê pelo interior do Paraná para lançar seu CD solo, no qual interpreta composições de Waltel Branco, Osiel Fonseca e outros gigantes da nossa música. Entre oboé, clarinete, shows, rodas de choro e tantos outros projetos que coordena e instrumentos que carrega, Albach mantém sempre um livro ao alcance, principalmente nos

dois últimos anos, quando começou a ler mais intensamente.

Depois de selos, xadrez e cultura guarani, a leitura é a mais nova compulsão do curitibano. “A mais saudável que já tive”. Nessa nova fase, romances do século XIX têm sua preferência – e aí entra o volume 17 da coleção de clássicos, o livro de Kipling. Flaubert, Eça de Queiroz e Balzac são outros escritores que integram a lista de favoritos do período. “Me encantei com a genialidade dos caras. Ele [Balzac] descreve de forma muito profunda os personagens”.

Em sua lista de “essenciais”, também figuram Machado de Assis, Guimarães Rosa, Cortázar, Borges, Camus, Goethe e Clarice Lispector. Entre os contemporâneos, vai de Chico Buarque (“adorei *Budapeste*”) e Dalton Trevisan (“sempre”).

### Literatura e música

Albach é um leitor atento. Credita à tradução grande importância, pois já se arriscou na área. “Tentei fazer algumas coisas. Você tem que entrar muito no universo da pessoa – algo que a tradução literal vai destruir. O tradutor é um segundo escritor – e tem que ser mesmo”, afirma Albach, que é leitor assíduo do português José Saramago.

O músico observa um processo similar ao da tradução quando se toca música popular de outra parte do mundo: nunca será a mesma coisa, sempre irá se perder algo. Por isso a escolha pela MPB, em especial o choro, do qual se considera um “mantenedor”, ou seja, um tipo de intérprete que pesquisa gravações antigas para tocar as músicas tais como foram criadas.

Outra semelhança entre as duas atividades, reside na composição, já que ambas trabalham com estruturas e contam uma história. Mas, há, segundo Albach, pelo menos uma grande diferença: um livro pode ser aberto e fechado, lido em uma outra oportunidade, en-

quanto a música “é o que acontece em um determinado momento”, ao vivo.

Há mais de trinta anos, Sérgio iniciava seus estudos em violão clássico, passando ao clarinete dois anos depois. A carreira começou com uma linha musical mais alternativa, para então encontrar o choro, sua coluna dorsal.

Em seguida, vieram regência e composição: a primeira, Sérgio considera um trabalho totalmente intuitivo, aprendido na prática, sem estudo formal; já a composição, é um trabalho lento, que Albach faz por meio de anotações esporádicas, até elaboração final.

“Estou mais para Beethoven do que para Bach”, lembra, justificando que o primeiro reescrevia infinitamente suas composições. Como artista, não sabe o tipo de “leitor” que gostaria de ter. “Quero que o espectador goste, mas não toco para agradar. Faço porque acho que tenho que fazer”.

Para muitas pessoas, o período de leitura mais intenso se passa na ado-

lescência, quando é chegada a fase dos beatniks, ou Aldous Huxley e Gabriel García Marquez, como foi o caso de Albach – um momento de descoberta, enfim. Depois disso, muitos perdem o encantamento ou o hábito.

Seguindo caminho contrário, atualmente Albach lê mais do que nunca e fala com paixão sobre suas leituras, além de mostrar-se extremamente receptivo, tal qual um adolescente descobrindo o mundo. “Sinto-me alegre com a generosidade dos escritores por terem compartilhado suas histórias conosco, porque com certeza perderam muito tempo com aquilo, tem muita pesquisa”

A palavra escrita, por Albach se dedicar à música instrumental, tem pouca influência no seu trabalho. Dessa forma, a leitura desperta sua atenção para um outro mundo, um outro tipo de sensibilidade e um novo repertório de assuntos – enquanto estava lendo *Moby Dick*, ficou espantado com a quantidade de informação relacionada a

baleias com que se deparava, algo que possivelmente passaria batido, não fosse por Herman Melville.

“É cultura geral, são referências. Se não tem cultura, você perde metade das piadas. Conhecimento faz com que usufrua cada vez mais das sutilezas desses grandes artistas”, é como procura resumir a importância da literatura Albach. Juntam-se a ela, nas prateleiras, as histórias em quadrinhos, em especial a obra de Neil Gaiman, autor da série *Sandman*.

Anos atrás, apenas por brincadeira, Albach encarnou um personagem e escreveu uma série de cartas para algumas amigas. Nunca chegou a enviá-las de fato e queimou a maioria, guardando apenas aquelas de que mais gostava.

Hoje, escreve um pouco todo dia, numa espécie de diário, como um tipo de terapia, e lê, de preferência em casa, na companhia de seu cachimbo. São seus minutos de relaxamento, os momentos de silêncio na vida de um músico. ■

Fotos: Sílvia Aurichio



## RESULTADO DA OFICINA BPP DE CRIAÇÃO LITERÁRIA | CRÔNICA

A cada mês, **Cândido** reservará espaço para a publicação de um texto produzido a partir das oficinas de criação literária que a BPP promove mensalmente. Os textos são escolhidos pelos próprios escritores que ministram as oficinas. Humberto Werneck, que esteve à frente da primeira oficina do ano, de crônica, escolheu o texto da publicitária Alessandra Moretti, não sem entes ressaltar o nível dos trabalhos dos outros participantes. “Esse é apenas um entre um punhado de textos que igualmente poderiam ter sido destacados”, diz Werneck.



CRONICAMENTE INVIÁVEL

Por **Alessandra Moretti**

**T**rês horas e dezessete minutos. Ainda. Aposto que você, leitor, comunga de igual suspeita minha sobre os ardis do tempo: sabe aquela impressão de que o matreiro se pendura aos ponteiros dos relógios a fim de detê-los? Especial lentidão parece acometer os relógios de parede de cartório, consultório, escritório... Agora mesmo, no gastrópode vagar do meu expediente, noto a tarde de sexta a se espreguiçar com esforço em uma vã tentativa de tocar o sábado.

Neste cubículo que mal me cabe, a tela do computador me dá cobertura e aproveito para escapar em cabotagem costumeira, deixando-me levar pelo arrasto de uma e outra rede social. Ora embalada pela corrente do ócio, ora pela do vício, já longe do tiquetaque preguiçoso e do continente de compromissos que se avolumam sobre minha mesa, vou ao encontro de outros tantos corsários à deriva, em bus-

ca de seus rostos amigos e suas mensagens engarrafadas, para quem as quiser colher. Indulgente, leio todas: estas, as anteriores e suas antecedentes. Navego sem norte em meio a aforismos, álbuns de família, videoclipes, anedotas, felicitações de aniversário, trocas de tapas, farpas de beijos... Mil e uma amenidades sem qualquer utilidade.

Como que protagonista do “jantar com o comandante”, dou o ar da graça neste baile insólito, polegares em riste, sorrisos abertos de fecha parêntese. Lá pelas tantas, um *déjà vu* me informa que cheguei ao ponto final de minha última ancoragem, coisa de hora e meia atrás. Sinal de que posso tornar ao cais, a que obedeço tendo o *mouse* por timão – note o leitor, que em se tratando de nau digital, “rato” tem posto de prestígio.

Quatro horas e dois minutos. Preciso terminar um relatório antes das cinco, mas que vá, é sexta-feira. Alegro-me em antecipar que, à medida que me



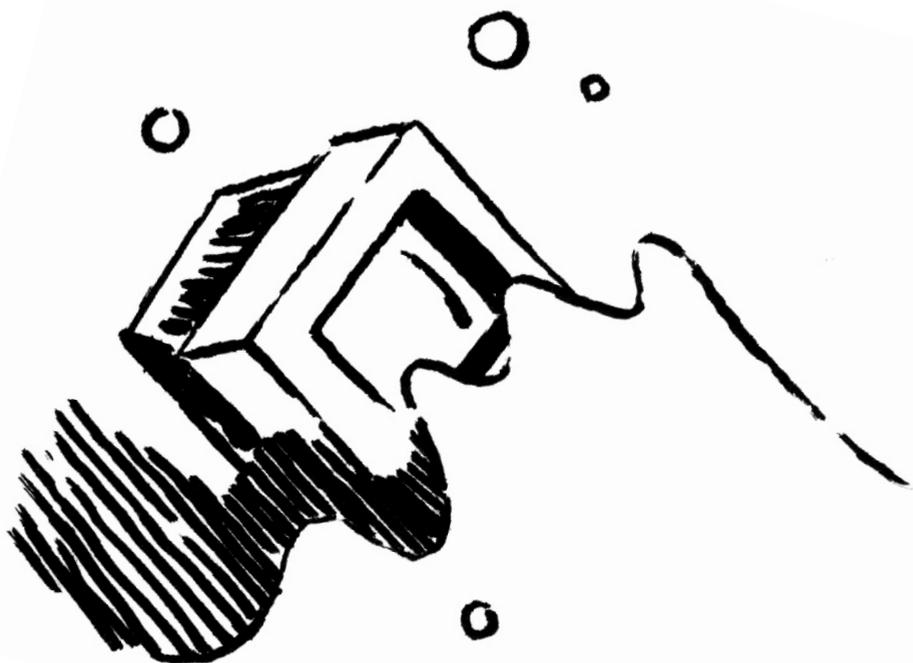
afastava da costa, novas mensagens foram lançadas à orla. A bordo do bote que me leva de volta à praia, porém, encaicho de supetão. Garrafa das grandes? Pior, constato um arrecife:

“Oficina de criação literária. Para mais informações, clique aqui”. *Click*. “Crônica é o tema da primeira oficina gratuita”. E não seria bom participar de uma oficina gratuita de crônica, a primeira? “Os interessados devem enviar uma crônica de sua autoria com no máximo xis caracteres, até o prazo tal”.

Escrever uma crônica. Vivo a navegar por inúmeras no mar aberto da *web*, mas nunca ousei me aventurar numa expedição de escritura. A verdade, como eu dizia de saída (se bem me lembro com a sua anuência), é que

o tempo anda mais curto que pavio de pirata por esses dias. Tenho tanto a fazer, o relatório e tudo mais. Seria ótimo uma oficina dessas, como seria... Veja bem, não é que eu não queira, o caso é que não há por onde. Mal dou conta de tanto trabalho. É, não daria pé.

Quê? Cinco pras cinco? A sexta passou voando! Desculpe se me despeço nessa pressa toda, mas preciso abrir meu navegador outra vez, só mais essa – é muito importante que eu lance ao próximo naufrago uma frase enxuta, que não transborde os cento e quarenta caracteres. Afinal, caro amigo, na crônica correria de hoje, a brevidade é um imperativo de Cronos-Saturno, esse filicida implacável, devorador de minutos. Segunda-feira, se o tempo der, concluo aquele relatório. ■



**Alessandra Moretti** é redatora publicitária, roteirista e diretora da *Olelé Filmes*. É especialista em Cinema, TV e Multimídia pela UCLA Extension (Los Angeles, Califórnia). Vive em Curitiba (PR).

# Chega de saudade

Nas últimas duas décadas, o mercado editorial brasileiro descobriu que a música é um filão lucrativo. Mas, segundo pesquisadores e biógrafos, ainda há muita história para se contar sobre nosso cancionário

POR LUIZ REBINSKI JUNIOR

No início da década 1990, quando era repórter do caderno “Ilustrada”, na *Folha de S. Paulo*, Carlos Calado começou a se perguntar por que ninguém ainda havia escrito a história do movimento tropicalista. “Cheguei até a consultar alguns especialistas que admirava naquela época, como Tárík de Souza e José Miguel Wisnik, para saber se eles já haviam pensado em um projeto semelhante. Meses depois, quando Tárík me convidou para escrever uma biografia dos Mutantes, aceitei na hora. Decidi escrever *A divina comédia dos Mutantes* (1995), assim como *Tropicália: a história de uma revolução musical* (1997), porque eram livros que eu gostaria de ler, mas ainda não havia nada semelhante no mercado”.

E não era apenas a *Tropicália* que não tinha o seu registro. Há pouco mais de vinte anos, a bibliografia sobre nossa música tinha mais buracos que um queijo suíço. Cenário que começou a mudar graças, entre outros fatores, ao incremen-

to de nosso mercado editorial. Com mais editoras, pesquisadores e escritores puderam encontrar porto seguro para seus projetos sobre a música nacional.

Espécie de marco desse resgate sonoro em livro, *Chega de Saudade – A história e as histórias da Bossa Nova*, de Ruy Castro, lançado em 1990, é um delicioso relato sobre um tema popular que costumava ser tratado de forma sisuda, quase acadêmica “Já havia vários livros sobre bossa nova, mas todos muito intelectualizados. E nenhum contava a história”, diz Ruy Castro. “Eu me julgava equipado para levantar os fatos – e eu mesmo queria saber como tinha sido”.

Desde então, *Chega de Saudade* atuou como uma injeção de ânimo em jornalistas e historiadores, que passaram a dissecar a música brasileira.

*Vale Tudo – O som e a fúria de Tim Maia*, escrita por Nelson Motta, segundo a editora Objetiva, vendeu 130 mil exemplares desde que foi lançada, em 2007. *Chega de Saudade* e *Estrela Solitária*, ambos de Ruy Castro, passaram a casa dos 80 mil livros vendidos. Um número bastante expressivo para um mercado leitor que, acostumou-se a dizer, é bem pequeno.

“Não havia livros sobre música pelo mesmo motivo que a indústria editorial brasileira não ligava para futebol – dizia-se que não vendia. Mas isso era puro preconceito. Qualquer livro, quando é bem feito, pode vender, não importa o gênero. Vide os livros de Nelson Rodrigues que editei. Todos foram muito bem nas livrarias. Os livros recentes sobre Tim Maia, Maysa, Simonal, e os vários sobre Chico Buarque e Caetano Veloso, todos foram sucessos”, opina Ruy Castro, que também é autor da elogiada biografia de Carmen Miranda.

O jornalista e escritor Arthur Da-

pieve também enveredou para a escrita de livros sobre música nos anos 1990. Dapieve é autor de *Brock – O rock brasileiro dos anos 80*, livro que se tornou referência sobre a geração de bandas como Titãs, Barão Vermelho, Capital Inicial e Legião Urbana.

“Talvez mais do que em qualquer outra forma de arte, a música atrai a atenção sobre quem a faz. O músico é o artista romântico por excelência, vida e obra se fundindo. E, ao encarnar esse papel, ele gera boas histórias, tanto trágicas quanto cômicas”, diz Dapieve.

## Ouvido Musical

Os livros de Carlos Calado sobre os Mutantes e a *Tropicália*, além de *Brock*, de Dapieve, foram lançados pela Editora 34 em uma coleção chamada “Ouvido Musical”, coordenada pelo jornalista e pesquisador Tárík de Souza. Ao todo, desde a metade dos anos 1990 até agora, foram lançados 25 títulos da coleção. A editora ainda lançou outros 20 livros, em separado, sobre os mais diferentes períodos da nossa música. Obras que compõem um painel amplo de nossa produção musical, com retratos inteligentes de figuras ímpares como Mario Reis e Jackson do Pandeiro.

Ainda assim, há incontáveis lacunas em nossa história musical. “Há brechas em todos os períodos. Onde está a biografia da Rita Lee em separado? Qual o grande livro sobre Lamartine Babo? E o Ernesto Nazareth? E Carlos Gomes? Os artistas mais recentes têm conseguido biografias mais facilmente porque já chegaram a um mercado no qual as elas são comuns. Do passado, porém, ainda há muito terreno para desbravar”, diz Dapieve.

O exemplo mais latente do que diz Dapieve, é Raul Seixas, um cantor

popular que, mais de vinte anos após sua morte, ainda não tem um livro à altura de sua importância e popularidade.

## Imprensa

Biografias e perfis também dependem muito do fator tempo. No sentido que só os anos podem mostrar, por exemplo, a verdadeira influência e dimensão de um artista. Além disso, é um trabalho custoso e que demanda muita dedicação. E essa talvez seja a explicação para que muitos artistas relevantes de nossa música ainda não tenham sido retratados. “Uma biografia bem feita leva pelo menos um ou dois anos de dedicação exclusiva para ser realizada. Como são raras as editoras brasileiras que conseguem viabilizar uma bolsa ou um patrocínio para esse tipo de obra, biografias como essas dependem de um autor que aceite encarar um trabalho longo e difícil sem qualquer garantia de retorno financeiro”, explica Carlos Calado.

A história também poderia ser escrita de uma outra maneira se tivéssemos uma imprensa musical mais robusta, com mais revistas e periódicos. Desde a primeira edição nacional (e pirata) da revista *Rolling Stone*, que circulou por aqui no início dos anos 1970, até a trajetória periclitante da finada *Bizz*, que durante anos se manteve solitária na cobertura de música *pop*, nunca conseguimos estabelecer no Brasil uma imprensa musical forte.

“Penso que uma música popular tão rica e diversificada como a brasileira justificaria a existência de mais revistas especializadas, como acontece nos EUA ou na Europa, mas parece que aqui o público se satisfaz com a cobertura pouco abrangente e diluída dos jornais diários ou com a informação pulverizada da internet”, diz Calado. ■



# RETRATO DE UM ARTISTA

## ERNEST HEMINGWAY

por **Pedro Franz**

ERNEST HEMINGWAY nasceu em Oak Park, Illinois, nos Estados Unidos, em 1899. Sua prosa foi marcada pelas frases curtas e diretas, um texto enxuto que influenciou várias gerações de autores. Entre suas obras, destaca-se a novela *O Velho e o Mar*, livro que lhe rendeu o Prêmio Pulitzer em 1952. Hemingway era um dos autores da chamada Geração Perdida, grupo de escritores exilados na França nos anos 1920, do qual também fazia parte F. S. Fitzgerald.

Dois anos depois do Pulitzer, o autor ganhou o Prêmio Nobel de Literatura (1954). Em seu discurso, disse que “para o verdadeiro escritor, cada livro deveria ser um novo começo no qual ele tenta novamente algo que está além do alcance. Ele deveria sempre buscar algo que nunca foi feito ou que outros tentaram e falharam. Então, às vezes, com muita sorte, ele vai ter sucesso”. Hemingway suicidou-se em 2 de julho de 1961, em Ketchum, Idaho (EUA).

“ Agora que a raiva tinha desaparecido, estava excitado com a nevasca, como sempre ficava com qualquer tempestade. Num vendaval, numa tormenta, numa súbita borrasca, numa tempestade tropical, ou numa chuva de verão com trovoadas nas montanhas, uma excitação sem igual o acometia. Parecida com a inquietação de uma batalha, com a diferença de que era limpa. Permeando uma batalha há um vento quente. Um vento quente e seco como a boca das pessoas. Que sopra com severidade. Quente e sórdido. Que cresce e morre com as ocorrências de um dia. Conhecia aquele vento muito bem.”

Trecho do romance *Por quem os sinos dobram* (Bertrand Brasil, 2004, pág. 253). Tradução de Luís Peazê.





## POEMA

### ÁLIBI

Pela trilha sem folhas  
Nossos passos  
São as sombras das árvores.

Estranhos a nós mesmos  
Surpresos no passeio das sílabas  
Trocadas sob o sol de verão

Beijamos o momentâneo  
Guardamos nossos espelhos  
E simplesmente somos.

### A PÉ

Um ritmo caminhava em minha direção  
Nele o nylon das ondas como testemunhas  
Uma verdade qualquer se traduzindo em som  
Quantas vezes nos perdemos no carinho  
Não o amor que um dia foi estranho sonho  
Mas essa onda volutas linha sobre linha  
Eco de luz que havia sido prometida

E a vida é mais cedo que se supunha –  
O que nos apressa na voragem  
É essa lentidão, não esta alegria.  
Mas latimos pra lua sem culpa nenhuma,  
Descascamos a pele da paisagem  
Com nossas próprias unhas.



**Rodrigo Garcia Lopes** é escritor, jornalista, tradutor e compositor. Desde 2002 é um dos editores da revista independente de literatura e arte *Coyote*. É autor de, entre outros, *Solarium* (Illuminuras, 1994) e *Visibilia* (Setteletras, 1996; Travessa dos Editores, 2005). Vive em Londrina (PR).